

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FACED
CURSO DE JORNALISMO

NAIARA ASHAIA RODRIGUES DOS SANTOS

**O SER NEGRO DENTRO DOS GRAMADOS: ANÁLISE CULTURAL DA
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO ATLETA NEGRO POR MEIO DO
JORNALISMO ESPORTIVO**

UBERLÂNDIA

2021

NAIARA ASHAIA RODRIGUES DOS SANTOS

**O SER NEGRO DENTRO DOS GRAMADOS: ANÁLISE CULTURAL DA
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO ATLETA NEGRO POR MEIO DO
JORNALISMO ESPORTIVO**

Monografia apresentada ao curso de
Jornalismo da Universidade Federal de
Uberlândia como exigência parcial para a
obtenção do grau de bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Gerson de Sousa

UBERLÂNDIA

2021

NAIARA ASHAIA RODRIGUES DOS SANTOS

**O SER NEGRO DENTRO DOS GRAMADOS: ANÁLISE CULTURAL DA
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO ATLETA NEGRO POR MEIO DO
JORNALISMO ESPORTIVO**

Monografia apresentada ao curso de
Jornalismo da Universidade Federal de
Uberlândia como exigência parcial para a
obtenção do grau de bacharel em Jornalismo.

Uberlândia, 03 de novembro de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gerson de Sousa – UFU/MG
(Orientador)

Dr. Jeremias Brasileiro - IHG-SM
(Examinador)

Profa. Dra. Ana Cristina Spannenberg – UFU/MG
(Examinadora)

*Dedico este trabalho aos meus avós
Benedito, Francisca, Marcelino e Maria.
Obrigada por acreditarem em mim
e por criarem pais tão incríveis quanto os meus.*

AGRADECIMENTOS

Ser a primeira pessoa da família a entrar em uma universidade federal faz com que a lista de agradecimentos seja grande, mas também repleta de amor e gratidão verdadeira.

Eu agradeço a Deus, autor e consumidor da minha fé, por me direcionar a esta profissão que tanto amo. Agradeço a Ele por todo amor e cuidado comigo durante toda a minha vida, mas principalmente nesses anos enquanto universitária. Sou grata por cada pessoa que Ele colocou na minha vida e por sempre me mostrar sua misericórdia através dessas vidas.

Agradeço aos meus pais, Marcelo e Regina, sem eles essa graduação não seria possível. Mãe, muito obrigada pelo suporte, confiança e apoio. Pai, muito obrigada por ser meu fã número 1, por sempre acreditar em mim e por me apoiar. Eu agradeço a Deus por ter me dado pais tão incríveis, que me amam tanto e que são o alvo do amor e admiração mais profundos que eu posso sentir.

Também ao meu padrasto, Félix, e a minha madrasta, Rozana. Obrigada pela torcida, pelo auxílio e por me aceitarem como parte de suas famílias.

Aos meus maiores amores: Ruana, Aimê, Aisha, Sofia e Etienne. Obrigada por serem os motores e meus motivos para não desistir. Ru, você é a irmã mais velha mais excepcional que eu poderia ter, você é meu exemplo. Mê, Branca, Sofi e Titi, tudo o que eu fiz aqui foi para que vocês saibam que são fortes e corajosos, capazes de alcançar seus sonhos. E eu estarei aqui para ajudar cada um até o fim da minha vida.

Meus avós, nem sei por onde começar a agradecê-los. Vó Fran, eu sinto tanto a sua falta, e espero que aí de cima a senhora esteja tão orgulhosa quanto estava quando vivia aqui conosco. Vô Dito, eu segui seus passos e hoje conto histórias. Vô Marcelino, o quanto o senhor me ensina sobre família e superação não caberia nessas páginas. Vó Maria, eu sinto seu amor mesmo em outro estado. Vocês sempre me disseram que eu sou o orgulho de vocês, mas espero que vocês sintam a grande honra que é ser neta de cada um de vocês.

Ao Gustavo, por partilhar a vida boa comigo, me dar apoio nos sonhos mais doidos e suporte nos momentos difíceis. Muito obrigada.

Ao meu orientador, Gerson de Sousa, que aceitou o desafio de me acompanhar na produção desse projeto. Obrigada pelo apoio, pelo direcionamento e pelas risadas das orientações de quinta-feira, você fez esse processo ficar mais leve e mais profundo.

Aos meus queridos amigos Matheus Maia e Vitória Bertolucci, que me acompanharam em toda a minha formação. Vocês são meus parceiros de vida. À Thalita Vitória, que está ao

meu lado para partilhar alegrias e apoiar em momentos difíceis. Richard Eduardo e Mateus Oliveira são os irmãos que o jornalismo me deu. Eu tenho muito orgulho de ser amiga de vocês. Fernanda, Giulia, Laís, Marianna, Marina e Rebeca, obrigada pela amizade longa e sincera. Ana Cecília e Guilherme Duarte, obrigada por dividirem a melhor experiência da universidade comigo – e por permanecerem depois dela. Isabella Ferreira e Angel Fugisse, obrigada por serem um suporte em momentos difíceis.

À Lourdinha Carmo, por ter me ajudado a vencer esse e outros desafios nesse ano que foi tão difícil.

Aos membros da Igreja Cristã Bíblica, obrigada por cada oração, vocês são a minha casa e a família que Deus me deu. Em especial aos pastores Marcelo, Adriana, Tânia e Silvio e ao grupo de relacionamento do Jardim das Indústrias, que vivenciaram toda a experiência da graduação sendo o suporte em oração para a minha vida. Aos membros da Igreja Batista Betel e a cada pessoa do Farol, obrigada por me receberem de braços abertos na sua casa. Agora ela é minha também.

Aos meus tios, tias, primos e primas. Obrigada por todo apoio até aqui. Em especial para tio Roniel, tia Romariz, tio Nê e tia Margarete, por sempre se preocuparem comigo.

Ao projeto Arquibancada UFU, por me trazer para esta universidade que eu tanto amo e por proporcionar meu desenvolvimento enquanto profissional. À Associação Atlética Acadêmica Humanas, por fortalecer meu amor ao esporte e por permitir que eu faça parte da história dessa instituição. Meu coração se enche de honra e gratidão por cada experiência que vivi aqui.

Obrigada a todos vocês por fazerem parte da minha história.

*“Amo minha raça, luto pela cor
O que quer que eu faça é por nós, por amor”.*

- Racionais MC's, Jesus Chorou

SANTOS, Naiara Ashaia Rodrigues. **O ser negro dentro dos gramados: Análise Cultural da construção da identidade do atleta negro por meio do jornalismo esportivo**, 2021. 63 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

RESUMO

Este trabalho discute e analisa qual a produção de sentido acerca da identidade do atleta negro no jornalismo esportivo a partir de duas entrevistas: a primeira entre o jogador de futebol Danilo Neves, o Tchê Tchê, e o ator Lázaro Ramos e a segunda entre o ex-jogador e técnico Roger Machado e o filósofo e advogado Silvio de Almeida. Considera-se nesta pesquisa os conceitos de identidade e diferença, representação, negritude e jornalismo esportivo, de forma a discutir sobre a produção de sentido do negro no processo de valorização da negritude no esporte. Como base teórico-metodológica, é utilizada a Análise Cultural, como parte dos Estudos Culturais, que aborda a história, a dialética e o posicionamento crítico acerca do sujeito. Conclui-se que a produção de sentido, historicamente, da identidade do negro no jornalismo esportivo é rasa e racista. As entrevistas apresentam um rompimento com a maneira pela qual os atletas negros são representados no jornalismo esportivo. Entretanto, a editoria não apresenta qualquer indicativo de que as pautas produzidas após a publicação dos dois produtos terão uma profundidade na apresentação da identidade e negritude dos sujeitos.

Palavras-chave: Identidade, representação, negritude, jornalismo esportivo, análise cultural.

SANTOS, Naiara Ashaia Rodrigues. **O ser negro dentro dos gramados: análise cultural da construção da identidade do atleta negro por meio do jornalismo esportivo**, 2021. 63 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

ABSTRACT

This work discusses and analyzes the production of meaning about the black athlete's identity in sports journalism extracted from two interviews: the first is between the soccer player Danilo Neves, the Tchê Tchê, and the actor Lázaro Ramos, and the second is between the former soccer player Roger Machado and the philosopher and lawyer Silvio de Almeida. The research considers the concepts of identity and differences, representation, blackness, and sports journalism, in order to discuss the production of meaning of the black person in the process of valuing blackness on sports. It adopts Cultural Analysis, as part of Cultural Studies, which addresses the history, dialectics and critical position about the subject, as its theoretical and methodological basis. The research concludes that the production of meaning, historically, of the black people's identity on sports journalism is superficial and racist. The interviews show a disruption of the way black athletes are represented at sports journalism. However, the editorial office does not show any indication that the guidelines created after the publication of both products will have profundity at the presentation of the identity and blackness subjects.

Keywords: identity, representation, blackness, sports journalism, cultural analysis.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. ELEMENTOS CONCEITUAIS.....	15
2.1. História do atleta negro no futebol brasileiro	15
2.2. A identidade negra e a diferença	21
2.3. Representação	23
2.4. Negritude	25
2.5. Jornalismo esportivo.....	26
3. A PAUTA É RACISMO	29
3.1. Identidade negra	30
3.2. Representação	33
3.3. Negritude	35
3.4. Jornalismo Esportivo	37
4. O FUTEBOL EMBRANQUECE O NEGRO	41
4.1. Identidade	42
4.2. Representação	45
4.3. Negritude	47
4.4. Jornalismo Esportivo	50
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS	62

1. INTRODUÇÃO

O ingresso de atletas negros no futebol aconteceu logo no começo do esporte no Brasil, em 1905. Eram raros nos poucos clubes que aceitavam os “pretos e mulatos” na equipe. Para se encaixarem em uma modalidade majoritariamente branca, acabavam se distanciando das características fenotípicas que remetem à negritude, alisando o cabelo e fazendo operações plásticas. Quando o Vasco ganhou o campeonato carioca com um time de brancos, mulatos e pretos em 1923, a presença desses atletas nos clubes passou a ser maior. Apesar da resistência dos outros grandes clubes da época, este título marcou a importância desses atletas e de suas características.

A discussão sobre o negro no futebol brasileiro envolve a temporalidade de mais de um século. Seja um “negro fedorento” para Gradim, em 1919, ou um “negrito de mierda” para Grafite, em 2005, ser negro e manter seus traços é utilizado como forma de ofender e desestabilizar o jogador. Em todos esses anos, o racismo permanece como um ponto de encontro na trajetória destes atletas. Seus efeitos são sentidos na mídia, nos estádios e dentro dos próprios clubes.

O caso Grafite foi considerado o primeiro caso de racismo no futebol brasileiro que repercutiu e causou um debate sobre o preconceito na prática esportiva. Durante uma dividida de bola na partida São Paulo Futebol Clube x Quimes Atlético Club, Leandro Desábato chamou Grafite de “negrito de mierda” e usou palavras para ofender o jogador com injúrias raciais. Após o jogo, o argentino recebeu voz de prisão e foi conduzido à delegacia, onde ficou detido por dois dias, fatos inéditos no futebol brasileiro. Grafite foi chamado para depor, mas não prestou queixa, levando a situação como “coisa de jogo”, assim como Gradim pensou no começo do século passado.

Nos anos seguintes, diversos casos foram noticiados na imprensa esportiva. Neste trabalho, nenhum desses casos é analisado, mas sim duas entrevistas que aconteceram em 2020: “A pauta é racismo”, que pertence à reportagem “Nós falamos, mas vocês nos ouvem?” e a entrevista “O futebol embranquece o negro”.

A primeira entrevista é um efeito do assassinato de George Floyd, ex-jogador de futebol americano que morreu asfixiado por um policial branco em 25 de maio de 2020, em Mineápolis, nos Estados Unidos. Este caso gerou novas manifestações pelo movimento *Black*

Lives Matter. No Brasil, o caso João Pedro¹ fortaleceu o movimento. Esse caso, que não será analisado neste trabalho, é citado na reportagem “Nós falamos, mas vocês nos ouvem?”, veiculada no Esporte Espetacular e publicada no GE.com. A entrevista na íntegra utilizada como base leva o nome de “A pauta é racismo” e é um dos produtos desta pesquisa.

Em meio aos protestos cobrando justiça das autoridades e reforçando a importância de vidas negras, o programa Esporte Espetacular transmitiu uma entrevista de Danilo Neves, o Tchê Tchê, em 7 de junho de 2020, conduzida pelo ator Lázaro Ramos. Durante os 10 minutos da produção, há vídeos de outros atletas que se posicionam na luta antirracista e uma contextualização histórica do que aconteceu com esportistas e técnicos que se posicionaram durante a história, em diversas modalidades. No dia 12 de junho do mesmo ano, a entrevista na íntegra foi publicada no site GE.com. Nela, Tchê Tchê questiona o racismo institucional presente no Brasil, reafirmando o local de onde vive sem se vitimizar.

O jogador apresenta sua história e suas referências, analisando o contexto atual do país frente ao negro. Ele conta sobre o que o leva a buscar ser uma referência aos jovens e crianças, e aborda sobre sua família e sua comunidade. Ao mesmo tempo, Lázaro Ramos fala sobre suas vivências e suas impressões frente ao posicionamento de Tchê Tchê.

A materialidade é definida devido à maneira pela qual o negro é representado. O atleta negro não é visto apenas como uma vítima do racismo, mas sim como alguém com identidade, que se entende e compreende seu papel na sociedade. Durante a entrevista, Lázaro Ramos ressalta que Tchê Tchê encara a situação do negro de forma diferente, com esperança e reafirmando suas raízes, sua negritude.

Em 12 de dezembro de 2020, o filósofo, advogado e professor universitário Silvio de Almeida entrevistou o ex-jogador e técnico Roger Machado em seu canal no YouTube. O entrevistado aborda como o futebol é um passaporte social que distancia o atleta negro de suas origens, para que ele se aproxime de características brancas, passando pelo processo de “embranquecimento”.

Publicada em 12 de dezembro de 2020 no canal do YouTube Silvio de Almeida, o produto faz parte do quadro Entrelinhas, em que grandes personalidades negras do Brasil são entrevistadas. Durante os quase 33 minutos, Silvio de Almeida traz frases e citações para embasar a entrevista. Em diversos momentos, o entrevistador pede para que Roger Machado

¹ Em 18 de maio de 2020, João Pedro Mattos Pinto, 14 anos, estava em sua casa, em São Gonçalo-RJ. Baleado por policiais, o adolescente morreu no local.

explique posicionamentos e relate vivências específicas. Ele destaca os efeitos do colorismo em um negro de pele clara e em como seu posicionamento enquanto negro no meio esportivo incomodava as pessoas à sua volta.

Silvio de Almeida também traz a reflexão sobre o efeito social e político do fato de Roger Machado ser um técnico de futebol. Outro ponto destacado na entrevista é a separação do atleta enquanto cidadão, distanciando-o dos debates sociais.

Estes dois produtos trazem o problema do racismo por uma outra abordagem. Através de uma análise de um ator e um jogador de futebol, com citações de atletas e estudiosos, o preconceito não é o centro do debate, mas sim a identidade do atleta negro dentro do esporte, neste caso, do futebol. Na outra entrevista, um filósofo e um técnico abordam como a ascensão social vivida na modalidade vai de encontro com a identidade do negro, fazendo com que o atleta enfrente alguns problemas quando se posiciona.

Com foco na produção de sentido sobre os temas debatidos e apresentados nos produtos, a análise observa como os conceitos definidos são expressos durante cada uma das conversas. Assim, o objetivo geral da análise é discutir sobre a produção de sentido do negro no processo de valorização da negritude no esporte.

Ambas as entrevistas buscam materializar a negritude e a produção de sentido do que é ser negro a partir da luta travada por esportistas durante a história para conquistar esse espaço. Com isso, a proposta dessa pesquisa é discutir a seguinte questão: qual o significado da produção de sentido, historicamente, na construção da identidade do atleta negro no jornalismo esportivo?

O estudo se justifica cientificamente visto que, quando se pesquisa sobre trabalhos no Jornalismo abordando negritude e esporte, estes relatam coberturas esportivas ou como casos de racismo repercutiram na mídia. Ao saírem dessa perspectiva, a identidade do atleta negro é apenas uma citação durante o trabalho.

Quando se observa o jornalismo esportivo, é notória a escassez de pautas abordando a identidade do atleta negro. Este assunto se tornou mais comum em 2020 após os casos que desencadearam os objetos que serão analisados neste trabalho. O jornalismo esportivo também é marcado por uma construção resultadista, em que são apresentados os resultados dos jogos e qual jogador foi importante para a partida, o que distancia pautas sociais e políticas dos temas abordados nos programas esportivos. Sob a perspectiva da análise cultural, o campo carece de trabalhos que analisam produções em que o atleta negro não é só alvo do preconceito, mas sim o sujeito.

A materialidade desta pesquisa é composta pelas entrevistas entre Lázaro Ramos e Tchê Tchê e entre Silvio de Almeida e Roger Machado. O olhar acerca dos embates levantados nas produções em relação ao atleta negro, com as características da cultura popular negra, levou à definição da metodologia a partir da análise cultural. Ana Carolina Escosteguy (2001), no livro “Cartografia dos Estudos Culturais”, aponta que os trabalhos na área de Estudos Culturais têm como papel de que, no âmbito popular, surjam movimentos de resistência. Ainda segundo a autora, a partir da década de 1970, os estudos sobre os meios de comunicação analisaram a estrutura ideológica da cobertura jornalística.

Ana Luiza Coiro Moraes (2011, p. 5), no artigo “A Análise Cultural”, descreve que esta abordagem é caracterizada como “um instrumento de análise cujos vínculos com o materialismo cultural se dão na relação do método analítico com o método de abordagem”, tendo uma ligação política a partir das reflexões de ordem econômica e também políticas percorridas durante a pesquisa. Para Maria Elisa Cevalco (2003, p. 173), “a linha d’água que diferencia os estudos culturais é seu projeto político, seu impulso claro de fazer ligações com a realidade social e diferença na prática cultural”. Os Estudos Culturais buscam impactar nos ambientes nos quais estão inseridos para contribuir socialmente por meio de transformações.

A abordagem de Análise Cultural aparece ao contextualizar historicamente as entrevistas na estrutura política e social e no impacto que elas causam nessas esferas. Segundo esta abordagem, deve-se analisar os padrões sociais e culturais para com determinado sujeito para que se direcione o debate sobre a produção de sentido no imaginário popular.

Este estudo é de natureza qualitativa, visto que a quantidade numérica não é importante, mas sim explicar o porquê dos assuntos serem abordados durante a produção. Primeiro, foi utilizado um critério temporal: entrevistas com atletas negros que aconteceram em 2020 após as manifestações do movimento *#BlackLivesMatter* no Brasil. As duas entrevistas selecionadas apresentam proximidades: são atletas negros que se posicionam publicamente na luta antirracista e a favor do direito dos negros, abordam a identidade e negritude dos atletas e têm como entrevistadores intelectuais do movimento negro que não são jornalistas. A análise das entrevistas foi construída com base em quatro conceitos que permeiam os dois produtos: identidade e diferença, representação, negritude e jornalismo esportivo.

O trabalho é dividido em cinco capítulos. Primeiro, esta introdução traz uma apresentação do tema, a questão norteadora da pesquisa, o objetivo geral e a justificativa da análise, a metodologia utilizada para o desenvolvimento e a apresentação dos capítulos. O

segundo capítulo se detém a apresentar uma breve história dos atletas negros no futebol no Brasil, com base no livro “O Negro no Futebol Brasileiro” (FILHO, 2010), assim como os conceitos e os autores que embasaram a análise.

O terceiro capítulo, intitulado “A pauta é racismo”, analisa a conversa entre Lázaro Ramos e Tchê Tchê. O capítulo leva o nome do produto e é o momento em que a entrevista é destrinchada com base nos conceitos. Assim, é dividido em quatro subtópicos, correspondentes a cada conceito.

O quarto capítulo leva o nome da entrevista entre Silvio de Almeida e Roger Machado: “O futebol embranquece o negro”. Com a proposta de analisar o produto com base nos conceitos, o capítulo também é subdividido em tópicos que abordam como a entrevista apresenta cada conceito que norteia a análise.

Por fim, a partir da análise desenvolvida nesses capítulos, as considerações finais apresentam os resultados tendo em vista a questão norteadora sobre o significado da produção de sentido, historicamente, na construção da identidade do atleta negro no jornalismo esportivo.

2. ELEMENTOS CONCEITUAIS

2.1. História do atleta negro no futebol brasileiro

O jornalista Mário Filho (2003), em seu livro “O Negro no Futebol Brasileiro”, relata que o futebol chegou ao Brasil em 1894 com Charles Miller. O paulista voltara de um período de estudos na Inglaterra com a bagagem repleta de artigos esportivos para implementar o esporte no seu país natal. Nos anos seguintes, diversos clubes foram criados e todos tinham uma característica em comum: eram formados totalmente por homens brancos, brasileiros ou não. Até que, em 1905, Francisco Carregal rompe a primeira barreira.

Filho de pai branco e português e mãe preta e brasileira, Carregal já levava consigo o peso de ser o único entre todos os brancos que jogavam no Bangu. Em meio aos ingleses, portugueses e italianos, o simples tecelão se tornava mais negro, então sentiu a necessidade de investir em comprar uniformes novos na tentativa de se igualar aos outros atletas.

Nos anos seguintes, cada vez mais times colocavam negros para jogar. Porém, equipes compostas por membros da burguesia ainda tentavam impedir a entrada de atletas retintos. A preferência por permitir que jogadores de pele mais clara e poucos traços que demarcam a negritude evidenciava a tentativa de manter o esporte branco.

Atletas como Carlos Alberto e Arthur Friedenreich sentiam-se pressionados ao entrar no Fluminense. Considerado time da aristocracia, o tricolor carioca era um time de brancos. Carlos Alberto tentou embranquecer-se utilizando pó-de-arroz no rosto, a ponto de ficar acinzentado. Já Friedenreich, filho de pai alemão e mãe preta, tentava alisar o cabelo crespo com uma intensa rotina para que ficasse rente a cabeça. Ambos foram mal recebidos, inclusive pelos torcedores negros, que queriam um clube mais branco.

Foi só em 1919 que esse pensamento começou a ser rompido. Não por uma aceitação da negritude dos atletas, mas sim pelo gol marcado por Friedenreich na final do campeonato sul-americano, atual Copa América. O primeiro título expressivo da Seleção Brasileira de Futebol Masculino nasceu dos pés de um homem negro de pele clara, tornando-o o primeiro ídolo nacional. Porém, foi no mesmo campeonato que o uruguaio Isabelino Gradim, um jogador preto, foi chamado de “negro fedorento” por Rivadávia Corrêa Meyer.

Mário Filho (2003) afirma que foi o chute de Friedenreich que deu início à democratização do futebol. Apesar de lenta, esta continuaria de acordo com o avanço do entendimento da população frente à compreensão de que a modalidade deveria ser bem brasileira. Ao mesmo

tempo, a participação dele e de Gradim no campeonato abriram espaços para mais negros no futebol brasileiro, de pele clara ou retinta.

Esse efeito foi realmente sentido em 1923, quando o Vasco venceu o campeonato carioca com um time de negros e brancos, o que causou uma grande revolta nos times tradicionais da cidade. Para que o Fluminense e os outros clubes formados por jogadores brancos não perdessem para negros novamente, foi fundada a Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (Amea), em 1 de março de 1924, sem o Vasco.

Enquanto a Amea era formada por clubes de brancos, a Liga Metropolitana permanecia com times de brancos e negros. Para continuar jogando, era necessário que os atletas tivessem outra profissão comprovada, mantendo o futebol como um passatempo. Porém, o objetivo dessa regra era limitar a participação de atletas negros, já que estes tinham mais dificuldade em encontrar emprego e viam no esporte uma maneira de sustentar sua família financeiramente.

Em 1925, o Vasco passou a fazer parte da Amea. Naquele ano, o Flamengo venceu o campeonato estadual com um time inteiramente de brancos, o que foi visto como um exemplo de superioridade. Ao mesmo tempo, mais jogadores negros surgiam e a habilidade que apresentavam impedia a sua ausência em grandes equipes e até na seleção brasileira.

Foi o caso de Feitiço. Apesar de enfrentar o presidente Washington Luís em uma partida em 1927, na qual se recusou a jogar, o atleta paulista era admirado publicamente devido a sua habilidade. Em 1928, em uma partida contra a Inglaterra, foi nomeado “Imperador do Futebol”.

[...] os jornais puderam repetir a velha manchete: ‘A Europa Se Curva Mais Uma Vez Ante o Brasil’. Embaixo da manchete, um clichê de Feitiço de coroa e tudo, enchendo a página. Um mulato ‘Imperador do Futebol’. Era um mulato de cabelo quase bom, grosso e duro, mas corrido. [...] Um mulato, porém, já podia ser ‘Imperador do Futebol’. (FILHO, 2003, p.160).

No ano seguinte, a final do campeonato carioca apresentaria uma mudança: Vasco e América, times que possuíam jogadores negros e brancos, disputavam o título. Parecia uma nova direção para a presença dos negros nos times, mas o racismo permanecia como um membro frequente até em clubes com composições mais diversificadas quanto à cor da pele.

Dentro de campo, negros e brancos eram igualmente aceitos no clube. Quando o jogo acabava, a preferência era aos brancos. Como foi o caso de Russinho e Fausto no Vasco. Enquanto Fausto, um homem negro, se esforçava dentro de campo para levar o clube a vitória, Russinho, branco e loiro, era reconhecido pelos torcedores, convidado para festas e presenteado com carros.

Fausto era considerado o maior centroavante² da época. A forma que jogava era como se atraísse a bola para os seus pés. No momento de marcar os jogadores adversários, era duro e considerado um revoltado. “Tinha que descarregar em cima de alguém, senão estourava. Metia o pé nos pretos, iguais a ele, metia o pé nos brancos, que não eram melhores do que ele, mas que tinham tudo, enquanto ele não tinha nada” (FILHO, 2003, p. 174). Fausto compreendia que a culpa do racismo não era dos jogadores. Ele preferia culpar os cartolas que administravam o futebol, sem compreender que a situação ia além dos “bichos” que recebia após o jogo, nascia do racismo institucionalizado no Brasil.

A forma que encontrou para se vingar dessa diferenciação foi abandonar o clube, aceitando a oferta para jogar pelo Barcelona em 1931. Sem Fausto, o Vasco perdeu o campeonato para o América naquele ano. Entretanto, o time espanhol impunha aos jogadores que se naturalizassem, o que impediu Fausto de atuar pelo clube. Assim, o atleta foi para a Suíça.

Contemporâneo a ele estava Leônidas da Silva. Atleta do Bonsucesso, teve medo de ir para outro país por ser negro e pobre. O sentimento o impedia até de ir para outro clube. Por romper o contrato de compra com o América, Leônidas era alvo de inúmeros insultos racistas nos jogos. “Procuravam uma maneira de ofender Leônidas, e lá vinha a cor. Moleque, preto sem-vergonha, negro sujo” (FILHO, 2003, p. 188). A justificativa era porque o atleta não cumpriu com sua palavra e preferiu continuar ganhando menos no Bonsucesso.

Os insultos se tornaram acusações: em 1932, uma mulher denunciou Leônidas por roubar seu colar. Naquele ano, o atleta se tornou irrequieto em campo. Os xingamentos e incriminações foram usados como um ataque para desestabilizar o jogador.

A Confederação Brasileira de Desportos (CBD) buscava impedir que Leônidas jogasse as competições. Ao passo que a instituição sentia que o futebol passaria do amadorismo para o profissionalismo, as tentativas de diminuir a quantidade de negros nos times eram em vão. O Fluminense foi pioneiro em profissionalizar o futebol. Passou a aceitar atletas negros no time, já que estes seriam funcionários do clube. A condição era ser “[...] um grande jogador. Melhor branco. Mulato ou preto, só grande jogador” (FILHO, 2003, p. 193).

O esforço para não enegrecer o futebol brasileiro era posto à prova diante da habilidade dos atletas. Em 1932, a seleção brasileira contava com cinco negros, maior número até então. Entre eles, Leônidas e Domingos. A CBD empenhou-se para impossibilitar a presença deles,

² Em 1928, a posição era chamada de “center-half”, devido ao futebol inglês.

entretanto, era inegável que ambos eram símbolos do futebol brasileiro (FILHO, 2003). Leônidas foi ovacionado pelos brasileiros após a vitória da Copa Rio Branco daquele ano. O inventor da bicicleta, que fazia jogadas repletas de malabarismos, era um negro e ídolo brasileiro.

No ano seguinte, todos os times possuíam negros na sua escalação. Eram chamados de *coloreds* nas crônicas jornalísticas, substituindo o termo “preto”. A nova palavra era usada apenas em grandes jogadores, como Leônidas, Domingos, Valdemar e Fausto, que voltara para o Vasco, para não o chamarem de pretos, palavra usada como xingamento.

A presença de atletas negros aumentou a compreensão acerca da identidade do brasileiro, que se reconhecia neles. Clubes como o Flamengo aproveitaram essa identificação para atrair mais torcedores, orgulhando-se da negritude dos seus atletas. Ter Leônidas, o “Diamante Negro”, no time facilitava o reconhecimento e o aumento da torcida.

Enquanto Domingos buscava se aproximar do futebol jogado na Inglaterra, Leônidas criava um modo brasileiro de praticar o esporte. A torcida unia o esporte ao samba, criava um ambiente culturalmente negro nas arquibancadas, expresso através de música e dança. “Dionisíaco como Leônidas, não apolíneo como Domingos” (FILHO, 2003, p. 217). Mesmo assim, ambos alcançaram o mais alto patamar de reconhecimento através do futebol, sendo considerados grandes referências.

O caminho para a ascensão de Leônidas e Domingos foi aberto por Friedenreich e Fausto. E muitos outros viriam depois deles. Como Quirino, escalado no Flamengo em 1944 para o lugar de Domingos, que havia ido para o Corinthians. Campeão com o time carioca, Quirino voltou a sua cidade, Alfenas-MG, para mostrar que um negro poderia ter o título estadual.

Os negros também faziam parte da escalação dos times paulistas. Domingos estava no Corinthians e Leônidas no São Paulo. No Santos, desde Feitiço, havia negros na equipe. No Palestra Itália, o primeiro jogador negro foi Og Moreira, apenas em 1941. A contratação tinha como objetivo distanciar a imagem do clube do país europeu e do racismo característico do fascismo italiano. A Itália, juntamente com Alemanha e Japão, compunha o Eixo na Segunda Guerra Mundial, lado oposto ao ocupado pelo Brasil. Por este motivo, no ano seguinte, mudou seu nome para Palmeiras.

Os atletas negros eram valorizados por sua excepcionalidade. Porém, não eram reconhecidos como jogadores geniais, mas sim como praticantes de “molecagem”. Caso de Leônidas no início da carreira e de Carreiro no Fluminense de 1942.

Já as falhas eram relacionadas ao caráter dos negros. Quando o debate sobre suborno a jogadores começou, logo esses atletas foram acusados de entregar o jogo ao adversário em troca de dinheiro, apelidados de “arrepiaados”. Essa associação com os negros fortalecia o discurso racista da época, o que levou jogadores a buscarem se distanciar das características da sua negritude. Zezé Procópio, por exemplo, não só alisou seu cabelo, como fez uma cirurgia plástica no nariz.

Outros sentiam orgulho de sua pele. Caso de Gentil Cardoso, primeiro técnico no futebol profissional brasileiro. Proclamava sua negritude como uma tentativa de combater o racismo. Em 1945, foi o primeiro treinador negro do Fluminense. Orgulhava-se de ser o primeiro a ocupar esse espaço, pois sabia que o empecilho para alcançar esse feito antes era a cor da pele, não sua capacidade.

Até então, os jogadores do Fluminense eram negros de pele clara, chamados de mulatos. O primeiro negro retinto foi Bigode, em 1946. Era alvo de insultos racistas por parte dos torcedores até que começou a se destacar nos jogos. A partir deste momento, passou a ser protegido pelos cariocas.

Apesar dos avanços, as dúvidas acerca da presença dos negros nos clubes e na seleção brasileira ainda eram presentes. Moacir Barbosa foi um dos alvos. Escalado para a Copa Roca de 1945, o técnico Flávio Costa o considerava o melhor goleiro do Brasil. Bastou um gol para que o peso do campeonato fizesse com que ele fosse substituído, o que fortaleceu os questionamentos. “Houve quem, editando erudição de futebol, lembrasse que a posição de goleiro, até prova em contrário, era mais para branco [...]” (FILHO, 2003, p. 271).

A Copa do Mundo de 1950 fortaleceu o sentimento de que o negro não pertencia a algumas posições dentro do futebol. Na derrota para o Uruguai por 2 a 1 na final do campeonato, a culpa recaiu sobre Bigode, que recuou enquanto Gigghia avançava nos dois gols, e Barbosa, que desviou o curso da bola, causando o segundo gol. Flávio Costa culpava Juvenal por não cobrir Bigode. Os três atletas, negros retintos, foram escolhidos como responsáveis pela derrota.

O campeonato do mundo de 50, em vez de glorificar um novo ídolo do futebol brasileiro, que, segundo todas as probabilidades, seria outro mulato ou preto, à imagem e semelhança de Arthur Friedenreich e Leônidas da Silva, o que fez foi reavivar um racismo ainda não de todo extinto. (FILHO, 2003, p. 280).

Parte dos torcedores acreditava que a causa do fracasso era ter mais negros do que brancos na seleção. Outros julgavam os brasileiros como “sub-raça”, inferiorizando-se frente

às outras nacionalidades. Responsabilizavam a mistura racial e os negros do time. Buscando por um ídolo, pediam por um parecido com o uruguaio Obdúlio Varela, esquecendo apenas que ele era um “mulato”.

O sentimento de culpabilidade sobre os atletas negros foi presente até 1952, quando houve mais uma partida contra o Uruguai. Era a final do campeonato Pan-americano e Ely do Amparo buscou acabar com a imagem de que foram os negros que fizeram com que o Brasil perdesse a Copa do Mundo. “Era um preto que fazia questão de mostrar que preto não fugia da raia.” (FILHO, 2003, p. 302). O Brasil venceu por 4 a 2.

A responsabilidade por 1950 poderia ser amenizada, mas o racismo estrutural permanecia presente. Os negros continuavam desprezados em posições que necessitavam de confiança. Gentil Cardoso estava no Vasco em 1953 quando soube que, mais uma vez, seria substituído por um técnico branco. Assim como no Fluminense, nem a vitória do campeonato impediu a demissão. Para o treinador, o motivo era evidente: racismo. Os times ainda preferiam os brancos para posições que exigiam inteligência, como técnicos.

No campo era diferente. Os jogadores negros se misturavam com os brancos, sentindo como se perdessem a cor que os diferenciava. Foi o caso de Robson, que, por jogar no Fluminense, não se sentia mais negro. A frase “Eu já fui preto e sei o que é isso” (FILHO, 2003, p. 308) foi declarada por ele para acalmar Orlando em um quase acidente de carro causado por um casal negro.

Com os técnicos, a diferença racial era evidente. Por mais que Jaime de Almeida e Gradim também tentassem ser treinadores, muitos questionamentos eram levantados. Gentil Cardoso insistiu na profissão. Logo foi contratado pelo Botafogo, onde descobriu Garrincha, um negro de pele clara e com as pernas tortas.

Em 1956, o Brasil já se preparava para a próxima Copa do Mundo seguindo uma nova lógica: enegrecer a seleção. A equipe era alvo de racismo, mas não podia negar que os melhores jogadores brasileiros eram negros. Em 1957, a classificação para a Copa do ano seguinte saiu dos pés de Didi, um negro.

No mesmo ano, o Brasil perdeu o sul-americano para a Argentina. O sentimento era que seria derrotado novamente na Copa do Mundo. Por isso, a CBD tentou levar o menor número de negros para a Copa da Suécia, sob a prerrogativa de que brancos jogavam melhor no frio. “Onde se podia escolher entre um branco e um preto, ficava-se, inicialmente, com o branco” (FILHO, 2003, p. 323). Os negros que foram para a competição contribuíram

decisivamente com a vitória. Entre eles, estavam Didi, Garrincha e Pelé, inicialmente ignorados.

No último jogo da fase de grupos, o Brasil venceu a Rússia com ótimas atuações dos três atletas. No mesmo dia, Didi reuniu os companheiros para lembrá-los que todos eram iguais. O atleta sabia que Pelé e Garrincha seriam os grandes ídolos da Copa de 1958, mas queria ressaltar a importância dos jogadores e dos funcionários para a conquista, inclusive do roupeiro e do massagista, negros como eles.

Pelé e Garrincha tinham estilos diferentes dentro de campo. Enquanto Garrincha derrubava os adversários com seus dribles e fazia a torcida rir, Pelé deixava todos atônitos com a sua habilidade. “O campeonato do mundo de 58 fez a gente ter olhos para ver Pelé e Garrincha. Na verdade não os escolhemos como ídolos. Eles já voltavam escolhidos” (FILHO, 2003, p. 331). O posto de ídolo brasileiro voltava a ser ocupado. E, mais uma vez, por atletas negros.

Pelé guiou o Brasil para mais dois campeonatos mundiais. Em toda a trajetória, fazia questão de afirmar sua negritude. A Itália tinha o futebol mais racista até Pelé, depois dele, abriu as portas para o ingresso de negros nos times.

O rei do futebol mudou o rumo do esporte. Dentro de campo, jogava de forma racional e calculada. Seus pais eram negros e o orgulho que sentia o impedia de negar sua identidade. “Se Pelé é preto, pode-se ser preto. Quem é preto deve ser preto” (FILHO, 2003, p. 341). Ao compreender sua existência e afirmar sua negritude, se tornou um exemplo de resistência enquanto se consagrava como o maior jogador de futebol de todos os tempos.

2.2. A identidade negra e a diferença

O conceito de identidade perpassa por toda a história dos antepassados de cada ser humano. Ela é construída de forma a concretizar a consciência de quem o sujeito é com base em todo o contexto que o antecedeu em contraponto com o que este vivencia diariamente.

Em seu livro “Identidade Cultural na Pós-Modernidade”, Stuart Hall (2006) divide o conceito identidade em três concepções: o sujeito no iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. No Iluminismo, a concepção de identidade era individualista, voltada para o “eu”, descrito frequentemente como um ser masculino.

Já a identidade do sujeito sociológico é formada de maneira interativa. A consciência permanece, mas o sujeito “é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem” (HALL, 2006, p. 11). A

identidade é o conceito que une o sujeito à estrutura da qual ele participa, fazendo com que ele internalize as características até se sentir parte delas.

Essa concepção era considerada fixa de forma geral, mas passa a ser vista como móvel a partir da análise dos Estudos Culturais, o que faz com que o sujeito veja a sua identidade “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 1987 apud HALL, 2006, p. 13). O conceito de identidade não é biológico ou genético, é historicamente construído, com base na multiplicidade de significações e representações às quais cada sujeito é apresentado.

Um sujeito não nasce com sua identidade definida. É a partir desse processo de mobilidade identitária que as vivências direcionam a identidade para uma definição. Esse conflito constante leva o sujeito para interpretações distintas sobre a identificação de si mesmo e das diferenças que cada uma delas provoca na sociedade durante a construção da sua identidade. Este processo é simbólico e social (WOODWARD, 2012), sendo pautado em fatos históricos e em como esses acontecimentos são interpretados e assimilados pelo sujeito.

Rutherford (1990, p. 19-20, apud WOODWARD, 2012, p. 19) aponta que “[...] a identidade marca o encontro de nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos agora [...] a identidade é a intersecção de nossas vidas cotidianas com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação”. É nessa concepção pautada na historicidade que a identidade do negro é forjada.

O negro traz consigo aspectos físicos que o determinam dentro de um grupo historicamente colocado como inferior, já que a sociedade contemporânea ainda carrega consigo características herdadas do colonialismo e do passado escravocrata. Mais que isso, é necessário vivenciar um processo de entendimento e autodescobrimento sobre o que significa ser negro.

A identidade do negro é construída com base nas circunstâncias político-sociais que são expostas desde o nascimento, somadas aos fatores econômicos que os cerceiam. Conforme há um avanço para o que é considerado sucesso, essa identidade passa a ser questionada. No esporte, como apresentado no item “História do atleta negro no futebol brasileiro”, isso é avaliado desde o início do futebol no Brasil. Na concepção de Mário Filho, desde o ingresso dos negros nessa modalidade, quanto mais ascendiam socialmente, mais tentavam embranquecer-se. Nesse processo, os atletas vestiam-se como os jogadores brancos, alisavam os cabelos e buscavam por cirurgias plásticas.

Como forma de aplacar o embranquecimento e esquecimento da negritude, o debate sobre a identidade é relevante e deve ser intensificado. Woodward (2012, p. 20) afirma que “a discussão sobre identidades sugere a emergência de novas posições e de novas identidades, produzidas, por exemplo, em circunstâncias econômicas e sociais cambiantes”. A identidade, descrita pela autora, é autossuficiente e se qualifica como aquilo que se é, como o sujeito se reconhece e se identifica. Já a diferença é autorreferencial, na qual, a partir de uma comparação consigo mesmo, o outro é definido. Esses dois conceitos estão ligados entre si pelo fato de que a afirmação da identidade acontece ao cargo do reconhecimento da diferença.

A identidade é o elemento de poder do sujeito, enquanto a diferença é pautada na diversidade. Essa relação não é harmoniosa, mas sim um conflito devido à lógica hierárquica de disputa e as relações de poder. Segundo Silva (2012), onde existe diferenciação, há poder. É a partir da afirmação da identidade e da compreensão da diferença que o embate fica visível, pois é delimitado às relações de poder e hierarquização entre grupos distintos. Assim, compreender a historicidade da construção da sua própria identidade e ser capaz de analisar as diferenças sociais é o caminho para a compreensão da relevância de cada atleta negro dentro do futebol.

Silva (2012, p. 76) afirma que “a identidade e a diferença são criações sociais e culturais” assim como a classificação feita a partir delas. Para compreender a produção de sentido de cada um dos conceitos dentro do sistema de significação no qual estão inseridos, são necessários atos de fala, nos quais tanto a identidade quanto a diferença são representadas. É importante que haja um posicionamento evidente dos atletas frente à diferença e às relações de poder vivenciadas para que estas sejam evidenciadas e combatidas.

2.3. Representação

A representação é um sistema de significação (SILVA, 2012), no qual a produção de sentido é pautada em conhecimentos e interpretações pré-estabelecidas internamente. Como é ligada às relações de poder, a representação não é uma expressão explícita, mas sim uma atribuição de sentido.

Stuart Hall, no livro “Cultura e Representação” (2016, p. 31), afirma que “representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura”. Esse conceito se refere à maneira pelo qual

o uso da linguagem e das imagens, que representam o sujeito ou um grupo, são utilizadas na produção de significado.

O discurso e a imagem são manifestações da representação. A produção de sentido realizada através desses produtos se interliga com a maneira que o sujeito interpreta o mundo à sua volta e o seu lugar nele. É a partir dessa concepção que o atleta negro compreende que a representação é uma forma de avaliar as relações de poder pré-estabelecidas socialmente, com base no espaço disponível e na representação do sujeito em si.

Esse conceito está conectado com a teoria de identidade e diferença, já que é por meio da compreensão da representação que os outros dois adquirem significado (SILVA, 2012). Representar é uma forma de apresentar a identidade, sua historicidade e construção, e como o reconhecimento da diferença através da interpretação dos discursos é um contraponto a esta identidade. Ao se aproximar de suas características e raízes negras, o atleta produz um significado por meio da forma pela qual é representado no âmbito midiático.

Com base nos autores citados, nota-se que o discurso pautado na identidade do negro deve evidenciar sua história, o caminho que percorreu até aquele momento, ao invés de destacar apenas os casos de racismo dos quais foi alvo durante sua vida. O racismo não delimita a identidade do negro, mas sim a sua historicidade, seja dos seus antepassados, ou que o próprio sujeito vivenciou.

A representação do ser humano negro deve ir além do que apenas um sujeito que é vítima de preconceito. A maneira pela qual este é colocado na mídia precisa ressaltar sua identidade acima do racismo.

Por este motivo, o atleta negro é mais do que uma fonte para pautas que envolvem preconceito racial. O jornalismo esportivo deve se atentar à identidade do sujeito como um todo, dando ênfase à sua história antes de se tornar um atleta e dentro do esporte.

Como a representação está ligada ao sistema de hierarquização, aqueles que possuem o poder para representar e serem representados também acabam por determinar a identidade. Assim, a atenção maior à história de atletas brancos em detrimento a de negros, o processo de embranquecimento pelo qual jogadores pretos são submetidos, distanciando-os de suas raízes e características, e a perpetuação de um discurso que coloca a qualidade e comprometimento desses atletas em prova evidenciam a produção de sentido quanto a quem se encontra em posição de poder para representar os negros segundo seu próprio entendimento.

2.4. Negritude

O conceito de negritude refere-se à identificação de suas características culturais após a conscientização do sujeito negro quanto à sua identidade e à diferença que a perpassa. Essa identificação acontece por meio da associação e reconhecimento de aspectos tocantes à cultura negra, produzindo um sentido frente à sua identidade e representação.

No livro “Da Diáspora”, Stuart Hall (2003) afirma que a cultura era o espaço performático que restava ao negro para viver e transmitir a herança de seus hábitos e costumes. É a partir desse processo de aprendizado geracional que as características negras são ensinadas. Sobre essas tradições negras, o autor tece três comentários em seu livro: no primeiro, aponta como o estilo é uma matéria de acontecimento, tendo em si mesmo características da identidade; em seu segundo comentário, o autor destaca que o povo negro encontrou na música uma forma e estrutura profunda de viver sua cultura; por fim, traz a reflexão de como os corpos negros são usados como se fossem telas de representação cultural (HALL, 2003).

Essas tradições são refletidas nos atletas negros. Ao não rejeitarem suas características, mas sim compreendê-las e aceitá-las, a sua negritude é apresentada dentro e fora de campo, com um estilo próprio que exhibe sua identidade. Seja por meio de suas roupas, no uso de cabelos *black power* e trançados e na divulgação de músicas identificadas como culturalmente negras, como o pagode e o rap.

A negritude também é alvo da diferença que acomete a identidade do povo negro. O fato de o conceito de cultura popular, segundo Stuart Hall (2003), ter “cultura popular negra” como subdivisão aponta essa diferença, sendo alvo de um formato distinto de crítica. A cultura popular negra é um espaço contraditório, mas que não pode ser simplificado em um mapeamento raso de oposições binárias (HALL, 2003). Não há como delimitar a negritude de um atleta, afirmando que certas ações são ou não negras, nem determinando que todos ajam da mesma forma. As produções de sentido geradas pela cultura na qual cada esportista está inserido e que lhe foi apresentada durante a vida faz parte de cada sujeito, mas o que é imprescindível é a liberdade de poder expressá-la sem um julgamento ou uma tentativa de apagamento cultural.

Por mais que seja julgada de maneira dissemelhante frente à cultura popular, as características negras estão presentes em outras manifestações culturais. De acordo com o autor:

Não importa o quão deformadas, copiadas e inautênticas sejam as formas como os negros e as tradições e comunidades negras pareçam ou sejam

representadas na cultura popular, nós continuamos a ver nessas figuras e repertórios, aos quais a cultura popular recorre, as experiências que estão por trás delas (HALL, 2003, p. 342).

Os elementos que compõem a cultura são construídos tendo como base as tradições e a herança cultural dos antepassados e devem ser expressados livremente. Como um local de descobrimento acerca da identidade e representação do negro, a expressão da negritude permeia esses dois conceitos e precisa estar presente nas produções jornalísticas.

Devido à ausência da valorização da negritude no jornalismo esportivo, produções com essas temáticas passaram a ser realizadas por estudiosos que não são jornalistas. Esses conteúdos apresentam os conceitos aqui analisados, representando o atleta negro de forma a destacar sua identidade e negritude. Apesar de não serem desenvolvidos por jornalistas esportivos, os assuntos abordados são éticos e de interesse do público, levantando o questionamento se podem ser considerados como jornalismo esportivo.

2.5. Jornalismo esportivo

O jornalismo esportivo é uma área especializada do jornalismo que se propõe a acompanhar e noticiar esportes (CARDOSO, 2018). No livro “Manual de Jornalismo Esportivo”, Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel (2006) detalham que o jornalista esportivo é um profissional capacitado para captar, tratar e divulgar informações relacionadas ao esporte com base na ética e no interesse do público.

Tendo em vista que as pautas devem ter relevância para a audiência, o profissional precisa olhar para além dos conteúdos de dentro do campo, no qual apresenta, de forma resultadista e limitada, os acontecimentos dos campeonatos. Pensar em temáticas que perpassam pela vida dos jogadores e do público, abordando assuntos pertinentes para o público-alvo do veículo para o qual está produzindo faz parte da definição das funções do jornalista esportivo.

Mariana Corsetti Oselame (2010), no artigo “Padrão Globo de Jornalismo Esportivo”, aponta que esta demarcação das atribuições à profissão está em crise devido a uma perda de foco. O jornalismo esportivo tem uma função social, mas, por ser visto como uma expressão de lazer e diversão, muitas vezes os próprios profissionais deixam de lado o compromisso com a informação para entreter o público através do esporte.

Para Oselame, é este padrão Globo de fazer jornalismo esportivo que tira dessa especialidade o caráter jornalístico e o papel social do esporte, transformando-os em distrações,

principalmente nos programas diários transmitidos nos canais abertos. Visando alcançar um maior público, debates sobre causas sociais que envolvem o esporte são deixados de lado. Ao apresentar a prática esportiva apenas como uma distração entre as notícias dos jornais, a produção de sentido no público faz com que as modalidades sejam vistas como acontecimentos à parte da sociedade. Esse processo constrói na audiência o pensamento avesso a manifestações sociais e políticas no âmbito esportivo.

Nesse local, autores questionam esse reducionismo do jornalismo esportivo focado em resultados e distante de debates sociais. Nathália Ely Silveira (2006, p. 53), em sua monografia “Jornalismo Esportivo: conceitos e práticas”, afirma que “o esporte não é mais apenas uma diversão, ele é produtor de benefícios em todos os aspectos, desde os culturais aos industriais; desde os políticos aos econômicos”. A autora aponta que o esporte é mais do que partidas e jogos e requer um estudo em diversas frentes para que, a partir da compreensão de sua importância para a sociedade, o jornalista faça a checagem e apuração das informações.

Paulo Vinicius Coelho (2011), no livro “Jornalismo Esportivo” aponta que a profissão tem se prendido apenas à realidade, sendo que esta cobertura envolve paixão. O caráter resultadista distancia o esporte das pessoas que o constroem e o consomem, se prendendo à pura informação de resultados e perguntas mal elaboradas ao final dos jogos, sem considerar a história e identidade de cada jogador e torcedor.

Ainda na fase de produção, o profissional deve pesquisar a fundo para pensar na relevância das suas produções, avaliando o contexto que cerceia as modalidades, os atletas e o público. No artigo “Jornalismo e estudos culturais: a contribuição de Jesús Martín- Barbero”, as autoras Ângela Felippi e Ana Carolina Escosteguy (2013, p. 23) apontam que “[...] o jornalismo é entendido tanto como uma instituição quanto como uma atividade ou prática social, estruturada num contexto econômico, político e social, que não apenas condiciona seu exercício como também sofre sua ação”.

Como o jornalismo é jornalismo, não importa a especialidade (BARBEIRO; RANGEL, 2006), essa definição também abarca o jornalismo esportivo. O esporte envolve tópicos econômicos, políticos e sociais, que muitas vezes não aparecem nos programas de jornalismo esportivo devido à proposta de serem conteúdos de entretenimento, não de um noticiário informativo (OSELAME, 2010). Por aparecerem raramente nas produções, essas características produzem um sentido que gera desinteresse no público. Porém, quando produtos que abordam questões sociais são transmitidos pela mídia tradicional ou publicados em plataformas que não são jornalísticas, são altamente consumidas pelo público que se interessa por esportes.

Felippi e Escosteguy (2013, p. 23) afirmam que “é também junto ao público que os sentidos postos em circulação adquirem ‘efetividade política’”. A opinião do que é relevante e de como a produção de sentido é estabelecida pelo público se torna, então, um indicador para a importância de determinado assunto estar ou não presente na pauta dos jornalistas. Observar esse indicador é relevante para que o jornalista esteja ciente dos tópicos que devem ser estudados para se capacitar frente a uma possível pauta envolvendo temáticas econômicas, políticas e sociais no jornalismo esportivo.

3. A PAUTA É RACISMO

Este capítulo tem como objetivo analisar a entrevista entre Danilo Neves, o Tchê Tchê, e Lázaro Ramos (A PAUTA, 2020). Publicada em 12 de junho de 2020 no site ge.com, o produto, intitulado “A pauta é racismo”, é uma conversa de cerca de 23 minutos entre o então jogador do São Paulo e o ator, ambos homens negros. A entrevista faz parte da reportagem “Nós falamos, mas vocês nos ouvem?”, veiculada no programa Esporte Espetacular, da TV Globo, em 7 de junho de 2020.

A conversa nasce dos protestos do movimento *Black Lives Matter* devido ao assassinato de George Floyd, homem negro e ex-jogador de futebol americano que foi sufocado por um policial em uma abordagem nas ruas de Minneapolis no dia 25 de maio de 2020. O motivo foi o suposto uso de uma nota falsificada de 20 dólares em um supermercado. No Brasil, o movimento foi intensificado pelo assassinato de João Pedro Mattos Pinto, garoto de 14 anos que foi baleado dentro de casa durante uma operação policial em São Gonçalo, Rio de Janeiro, em 18 de maio de 2020. Danilo Neves e sua esposa, Cláudia, participaram dos protestos em São Paulo, reforçando a luta do jogador em prol dos direitos dos negros.

A entrevista direciona-se mais para a abordagem sobre a negritude dos atletas e a identidade do povo negro do que sobre racismo. A temática é levantada poucas vezes, aparentando ser preferível não dar tanta atenção ao preconceito.

Danilo das Neves Pinheiro é um volante nascido em 30 de agosto de 1992. Saiu de casa, na periferia de São Paulo - SP, aos 14 anos para jogar futebol no Audax-SP. Passou por diversos clubes no Brasil e pelo Dínamo Kiev, na Ucrânia. Mais conhecido como Tchê Tchê, o jogador estava no São Paulo Futebol Clube quando foi entrevistado por Lázaro Ramos. Casado com Cláudia, o jogador tem um filho.

O entrevistador do produto é Lázaro Ramos. Luís Lázaro Sacramento de Araújo Ramos é um ator, apresentador, dublador, cineasta e escritor brasileiro nascido em 1 de novembro de 1978. Natural de Salvador - BA, o artista é um grande defensor do movimento negro, tendo representado Martin Luther King na peça O Topo Da Montanha. Casado com a também atriz Taís Araújo e pai de dois filhos, a família é tida como uma referência para casais negros brasileiros.

3.1. Identidade negra

A construção da identidade se dá com base na historicidade do sujeito, sendo um encontro que intersecciona as relações culturais, sociais e econômicas que o permeiam. Este alicerce deve ser pautado em um conhecimento sobre o contexto que o rodeia, de forma que o indivíduo esteja apto a interpretar os acontecimentos e utilizar as reflexões para o desenvolvimento do entendimento sobre si próprio.

Neste processo, a comunidade na qual o sujeito está inserido é muito importante. É nela que há uma transmissão de conhecimentos e aprendizados, além do contato com a cultura e as relações econômicas. Para Tchê Tchê, este local é Guaianases, distrito localizado na Zona Oeste da cidade de São Paulo.

O jogador descreve uma vivência incomum para famílias negras e periféricas: cresceu com ambos os pais em casa. Segundo o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, 84,4% das famílias chefiadas por mulheres são mães solteiras. Delas, 84,2% são mulheres negras (IBGE, 2010).

Já Tchê Tchê teve o acompanhamento de seus pais durante toda sua carreira, o que o auxilia na construção da sua identidade visando que outros possam ter as mesmas oportunidades que ele. Por isso, o atleta faz um caminho pouco visto, que é retornar à comunidade e compreender que a sua identidade está ligada com as pessoas daquele local. Isso fica evidente quando o jogador ressalta: “[...] de onde eu vim, eu sei que tem pessoas que olham para mim e esperam boas atitudes” (A PAUTA, 2020).

Essa distinção também auxilia na construção de uma identidade sólida. Tchê Tchê descreve que seus pais sempre estiveram próximos e impulsionaram seus sonhos. O convívio com outros negros que compreendem sua identidade e o papel de privilégio na sociedade quando comparados a outros faz com que o processo de assimilação da identidade e diferença seja mais resistente.

O fator família não é o único no processo de construção da identidade do sujeito. Apesar de estarem em constante mudança devido à globalização, a sociedade moderna carrega consigo referências historicamente conhecidas e reconhecidas. É o caso de Martin Luther King Jr. e Malcolm X para Tchê Tchê. Homens negros contemporâneos entre si, o reverendo King e Malcolm X marcaram a luta por direitos para negros na década de 60 nos Estados Unidos. O primeiro foi reconhecido por seus discursos pautados no amor e na fé cristã, com apelo social

e reflexivo, enquanto o outro trazia características mais revolucionárias e conflitantes, com falas que evocavam a identidade e negritude do povo negro estadunidense.

Tchê Tchê reconhece ambos como ancestrais que auxiliaram na formação de sua identidade, a ponto de ter os rostos de Martin Luther King e Malcolm X tatuados em suas coxas. O jogador ressalta a importância desses homens para a construção da sua identidade, o que reflete na forma como se vê e se comporta diante da diferença vivenciada devido ao racismo.

O Martin para mim é ícone, para mim e para todo negro que tem consciência das coisas que ele fez. A maneira de ele saber conduzir as coisas, o "não à violência" dele. E o Malcolm muitas pessoas não concordam com a maneira como ele se expressava. Muitas pessoas achavam que ele era muito agressivo, só que para mim eu vejo de outra maneira. Ele consegue conversar com a minha autoestima [...]. Então acho que o Martin tem um lado muito que toca consciência, que é muito amoroso e "não à violência", e o Malcolm é uma pessoa que consegue conversar comigo sobre a minha autoestima. Me encoraja. É aquela coisa de "vamos lá que você é forte, se acontecer alguma coisa passa por cima disso". (A PAUTA, 2020)

Esse fato demonstra também o apagamento cultural negro brasileiro. Lázaro Ramos não questiona o motivo do atleta ter tatuado dois homens estrangeiros em sua pele. O brasileiro buscou ídolos fora do país, como o caso do uruguaio Obdúlio Varela em 1950. Na época, a torcida ansiava por um ídolo no futebol do Brasil e viu no negro de pele clara do Uruguai um exemplo.

Tchê Tchê poderia citar figuras históricas que lutaram contra o racismo e por um espaço na mídia como os líderes quilombolas Zumbi dos Palmares e Chico Rei, o autor Lima Barreto e os atletas Aida dos Santos e Reinaldo, mas preferiu destacar Martin Luther King e Malcolm X. Ele repete o processo ao pontuar um exemplo de atleta que lutou por algo que acreditava, em que Tchê Tchê cita o jogador Sócrates, atleta branco que liderou o movimento anti ditadura conhecido como Democracia Corinthians.

Tchê Tchê compreende sua existência enquanto forma de resistência. Essa postura é uma continuidade daquela que foi adotada por diversos atletas durante a história da modalidade. Fausto, Leônidas e Pelé assimilaram que afirmar sua identidade era um posicionamento frente à diferença, reconhecendo a si mesmo e à história que antecedeu cada um deles.

Na entrevista, o atleta se distancia do reconhecimento histórico. Tchê Tchê apresenta um posicionamento superficial sobre jogadores negros da história do futebol brasileiro. Assim, ele demonstra uma valorização individual acima da historicidade, o que justifica a busca por referências externas ao esporte e até ao Brasil no processo de construção da sua identidade.

Vale ressaltar que Tchê Tchê não enfatiza o que o levou a fazer as tatuagens, apenas cita que houve um acontecimento enquanto morava na Ucrânia, momento em que defendia o Dínamo Kiev. Devido à forma como essa situação é colocada, nota-se que o jogador passou por um caso de racismo. Novamente, a entrevista, que se propõe a abordar o preconceito, mostra-se insuficiente para o debate.

A diferença é derivada da identidade (SILVA, 2012), não o contrário. Apesar de não descrever o fato, é importante notar que, naquele momento, a diferença ultrapassou a identidade na vida do atleta. Por mais que demonstre uma construção consciente de sua identidade, para Tchê Tchê, seu corpo se tornou insuficiente para a luta contra o racismo, compreensão da sua autoestima e força frente aos desafios que enfrenta, sendo necessário tatuar dois ícones da história para lembrá-lo sobre sua identidade.

Outros casos de racismo são citados durante a entrevista. Em um deles, o atleta relata que estava em um hospital ucraniano e uma senhora o questionou sobre ser um jogador de futebol em um tom interpretado por ele como pejorativo, como se esta não fosse uma profissão para ele. Como “as afirmações sobre diferença só fazem sentido se compreendidas em sua relação com as afirmações sobre identidade” (SILVA, 2012, p. 75), o espanto frente a um homem negro em uma profissão tida como privilegiada é subjugar a identidade deste a uma negação de qual espaço pode ser ocupado por ele.

A diferença diante da identidade também é notória no processo de limitação devido ao preconceito. Tchê Tchê ressalta que a sociedade impõe ao negro que seu sonho é impossível devido ao racismo estrutural.

[...] a gente tem uma coisa em comum, eu falo como negros que vêm da periferia, assim como nós, eu acho que muitas vezes o direito de sonhar nos é tirado. Quando a gente é criança, o que a gente planeja, a gente tem vários sonhos... Mas, ao meu ver, muitas vezes o que nos é vendido é que a gente não tem essa condição, a gente não vai conseguir chegar lá, alcançar os lugares altos. (A PAUTA, 2020).

Romper com as barreiras levantadas pela diferença acontece diante de uma construção da identidade de forma sólida. A identidade é móvel, sendo concebida de acordo com as vivências do sujeito durante o seu desenvolvimento e a assimilação da historicidade neste processo. Essa percepção pauta a identidade do indivíduo de modo que as mudanças não produzam uma rejeição, mas sim uma adaptação frente às transformações, permanecendo o sentido produzido durante sua construção.

3.2. Representação

Logo no início da entrevista, Lázaro Ramos destaca:

Quando era pequeno, quando eu era adolescente, meu sonho nunca foi virar uma voz que fala contra o preconceito, contra o racismo. Eu sonhava com tudo, menos isso. Meu sonho era ser ator, um dia escutarem a minha voz como artista, reconhecerem em mim o meu talento. [...] hoje em dia eu falo, mas não é nem uma fala prazerosa. Acho que tem outras coisas. Mas pela situação que a gente vive e pelo privilégio de a gente ter uma voz, eu falo. (A PAUTA, 2020).

Devido à visibilidade e a forma pela qual é representado na mídia, o ator ressalta que a produção de sentido a partir dele é importante para a luta contra o preconceito que atinge aos negros. Lázaro interpreta o seu local como de privilégio em comparação ao da população negra brasileira. Ao compreender que sua profissão é vista como superior a muitas outras no imaginário social, utiliza desse espaço para manifestar sua identidade por meio do discurso.

Como apontado no capítulo 2, representar também é apresentar a sua história, identidade e a construção da produção de sentido desse conceito. Quando Lázaro descreve seus sonhos de infância em contraponto à maneira como atua já adulto, o ator também reconhece a diferença que vai de encontro à sua identidade.

Em outro trecho da entrevista, Tchê Tchê ressalta que a visibilidade do jogador de futebol deve ser aproveitada em prol da luta por respeito à vida dos negros. “Hoje em dia a gente tem o privilégio, com certeza, de poder ser uma voz no nosso país. Ser alguém em quem as pessoas se espelham [...]” (A PAUTA, 2020).

A representação “[...] é a produção do significado dos conceitos na nossa mente por meio da linguagem” (HALL, 2016, p. 34). Assim, o atleta que compreende o privilégio que a visibilidade oferece também precisa compreender o seu papel social de produzir significados por meio da sua fala, posicionamento e discurso.

Este posicionamento tem um efeito complexo na carreira dos atletas, principalmente dos jogadores de futebol. Desde o início desse esporte no Brasil, o silenciamento dos negros era uma imposição que foi rompida inicialmente pelos atletas do Vasco em 1923, ano que conquistaram o título do campeonato carioca. Em 1926, esse processo foi intensificado pelo São Cristóvão. “Os mulatos e pretos do São Cristóvão sentiam-se mais mulatos e mais pretos. Faziam questão de ser mulatos e pretos, orgulhavam-se disso [...]” (FILHO, 2010, p. 152). O clube permitia que os atletas expressassem sua identidade no espaço que ocupavam, o que produzia uma identificação dos torcedores com eles.

Liberdade essa que não foi experienciada por Barbosa ou Pelé durante sua carreira. Enquanto o primeiro foi duramente hostilizado como o culpado pela derrota da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1950, junto com Bigode, o segundo é considerado o Rei do Futebol. Ambos se abstiveram de posicionamento declarado por meio do discurso em vista do racismo estrutural. Barbosa devido à represália que o atingia, Pelé por ser contemporâneo ao Regime da Ditadura Civil-Militar no Brasil.

No caso de Pelé, o ex-atleta não se posicionava abertamente nas questões que envolviam o movimento negro. O próprio ex-jogador apontou no documentário “Pelé” (2021) que seu objetivo nunca foi o posicionamento político, mas sim apenas jogar futebol com excelência. Apesar de não representar sua identidade por meio da linguagem e de um posicionamento político declarado, a produção de sentido sobre a existência de Pelé impactava a diferença da época diretamente. O jogador nunca negou sua negritude ou identidade. Ao contrário, incentivava os colegas a o chamarem de “O Preto”, para que fosse lembrado como quem era (FILHO, 2003).

É importante ressaltar que, apesar de não declarar apoio ao movimento negro, Pelé nunca negou sua negritude ou identidade. O fato de o maior jogador de futebol de todos os tempos ser um homem negro que manteve suas características é uma forma de representação.

Stuart Hall (2016) aponta que, mais do que compartilhar mapas conceituais que dão sentido e interpretação sobre o mundo, que é o primeiro sistema de representação, é necessário organizar um conjunto de signos que representam os conceitos e que carregam os significados dessa cultura, conhecido como segundo sistema de representação. O autor descreve que “o sentido é construído pelo sistema de representação” (HALL, 2016, p.42) e que é o código que correlaciona esses sistemas.

Isso é ensinado no processo de crescimento e desenvolvimento do indivíduo para que este se torne um sujeito cultural. É neste momento que os códigos que permitem a representação são internalizados.

Quando o atleta vivencia todo este processo sem a compreensão de que sua busca profissional o permitirá uma visibilidade maior do que de outros que compartilham da mesma cor e situação social que a sua, romper com este aprendizado e associar a importância de um posicionamento se torna mais complexo. Isso também é destacado por Lázaro Ramos na entrevista, quando o ator aponta que nem todos os jogadores de futebol têm o conhecimento e a coragem que Tchê Tchê demonstra.

O artista também questiona se o efeito de se posicionar diante da representação social ainda atinge a carreira dos atletas brasileiros. Lázaro descreve que abordar os assuntos que permeiam o negro de forma elaborada era pouco visto nas gerações anteriores à de Tchê Tchê no meio esportivo devido à perseguição de torcidas e dirigentes, porém expõe uma crença de que esta não é mais uma realidade dos futebolistas.

O jogador discorda, apresentando que o racismo estrutural ainda inibe o posicionamento dos atletas. “Acho que o Brasil ainda sofre muitas represálias e é muito difícil às vezes você se posicionar contra determinados assuntos que, na maioria das vezes, outras pessoas não estão de acordo. Aí você vai ser muito julgado” (A PAUTA, 2020). O discurso está pautado em uma relação de poder. Quando uma linguagem que questiona essa relação é enunciada, logo “a classe dominante”, como descrita por Hall (2006) - neste caso, os brancos que compõem a torcida e as diretorias dos clubes - utilizam deste poder para silenciar o posicionamento. Isso ocorre desde a não escalação do atleta, o que prejudica a carreira do atleta, até ataques via redes sociais, ato destacado por Tchê Tchê.

Essa resposta do jogador aponta que ainda há atletas negros no futebol brasileiro que não compreenderam e aceitaram o privilégio de sua visibilidade e como utilizar dela para produzir significado em sua representação. Para Tchê Tchê, deve-se pensar na realidade em que se está inserido e no impacto que sua imagem gera para a próxima geração, o que gera uma esperança diante das represálias ao se posicionar.

3.3. Negritude

Ao associar e reconhecer aspectos da cultura negra, a conscientização do sujeito produz um sentido frente à sua identidade e a diferença que o atinge. O sentido produzido nesse processo pode se direcionar para duas situações distintas: a valorização das suas características culturais ou a negação delas.

A negritude relaciona-se ao primeiro processo, no qual o atleta compreende as características da sua cultura, a historicidade negra e as manifestações culturais e as carrega consigo por toda a sua carreira. Stuart Hall (2003) destaca que, mesmo que as tradições da comunidade negra pareçam grosseiras e inautênticas, há experiências únicas descritas na musicalidade, oralidade e narrativas apresentadas que trazem formas de vida e de tradições distintas e tocantes a vivências dos sujeitos negros. Na entrevista, Tchê Tchê ressalta a

importância de manifestações culturais para a construção da sua identidade e assimilação da sua própria negritude:

Eu falo porque é a minha realidade. Quando criança, eu tinha sonhos. Eu me espelhava em pessoas: tanto no esporte, como em atores igual a você [sic], no Rap. Eu acho que o Rap me representa muito. As letras conversam muito comigo. Eu acho que a gente não pode se calar. É a realidade que a gente vive. (A PAUTA, 2020).

No mesmo trecho, o atleta aponta que a diferença o levou a entender que é necessário falar mais sobre a negritude. Entretanto, este processo também pode levar à segunda situação: a negação de suas características.

A quinta edição do livro “O Negro no Futebol Brasileiro” (FILHO, 2010), traz a nota escrita pelo autor na segunda edição, de 1964. Nela, Filho exemplifica o embranquecimento vivido pelos atletas e defendido pelos clubes de futebol com o caso de Robson, jogador do Fluminense na década de 50, que dizia que já havia sido negro. “Realmente, os pretos do futebol procuraram, à medida que ascendiam, ser menos pretos. Esquecendo-se de não se lembrar, mesmo em alguns casos, que eram pretos. Mandando esticar os cabelos, fazendo cirurgias plásticas, fugindo da cor” (FILHO, 2010, p. 17).

A negritude compreende a identidade e a diferença. A última se conecta a relações de poder entre os grupos. Em uma sociedade com o passado escravagista como o Brasil, o grupo com mais influência são os brancos, que são maioria nas classes mais altas e com maior poder econômico. Isso faz com que a branquitude seja associada ao poder, enquanto a negritude não tem espaço.

Ao ascender socialmente, o negro experiencia situações que colocam suas características físicas e culturais como inferiores frente às dos brancos. Para se igualar a eles, a negritude é renegada. Isso é exemplificado por Mario Filho (2010) com histórias como as de Francisco Carregal, Carlos Alberto e Miranda. Todos com pontos em comum em sua história: a tentativa de se parecer com os jogadores brancos.

A entrevista entre Lázaro Ramos e Tchê Tchê não traz relatos sobre clubes que ainda incentivam a negação da negritude. O produto também não toca em como a mídia e o jornalismo podem abordar a negritude dos atletas, sem aproximá-los de características brancas. Porém, o jogador aponta que os padrões da sociedade são impostos diariamente e que cabe ao atleta resistir a isso.

O pessoal tem a mania de ter aquele estereótipo de um padrão de beleza, um padrão de atleta, um padrão de ator. Muitas vezes a gente tem que seguir firme para a gente quebrar essas barreiras e alcançar lugares como hoje eu e você alcançamos e podermos ser uma voz no Brasil. (A PAUTA, 2020).

Outro tópico levantado no produto é o reconhecimento da historicidade. Além das tatuagens de Martin Luther King e de Malcolm X já citados, Tchê Tchê relata que visita o distrito de Guaianases. O retorno à comunidade e o contato com as pessoas que permanecem neste local demonstra a assimilação da importância dessa vivência para a construção de sua identidade.

A valorização da historicidade demonstra mais um diferencial do posicionamento do jogador. Ao compreender o local onde nasceu e cresceu, chamado por ele de “quebrada”, Tchê Tchê demonstra a importância de interpretar essa etapa de sua história como processo na produção de sentido na construção de sua identidade.

O produto se propõe a ser um debate sobre o tema racismo. Porém, apesar da citação de casos, não há informações e questionamentos suficientes sobre o tema, se mostrando insuficiente para abordar o preconceito racial.

A negritude perpassa a história e as características culturais dos atletas. Como é uma construção, a compreensão de si mesmo é produzida a partir do contato e interesses que os esportistas têm em sua formação, seja socialmente seja profissionalmente.

A presença desses atletas dentro e fora de campos produz sentido que confronta a diferença também vivenciada pelos negros na sociedade. O confronto frente ao preconceito que está presente no dia a dia não é deixado de lado apenas por sua ascensão social por meio do esporte. A diferença é combatida em cada local ocupado por um negro, e o sentido produzido nesse processo atinge torcedores que se identificam com o posicionamento.

É neste momento que muitos valorizam a cultura popular negra diante da desvalorização da mesma. O racismo delimita a cultura negra como negativa e ruim. Ao afirmarem as características culturais que os perpassam, os atletas se posicionam de forma combativa novamente, demonstrando a negritude em seu próprio corpo e modo de agir.

3.4. Jornalismo Esportivo

Como dito no capítulo 2, o jornalista esportivo é capaz de desenvolver pautas com informações relacionadas ao esporte tendo como base a ética e o interesse do público (BARBEIRO, RANGEL, 2006). A temática da identidade e negritude se encontra nesses dois

parâmetros - base ética e interesse do público -, porém, há um processo de produção de sentido no jornalismo esportivo que o delimita a um jornalismo resultadista e de entretenimento.

O esporte envolve paixão. Devido a isso, o jornalismo esportivo exige que haja mais do que apenas a realidade durante a sua produção. Paulo Vinicius Coelho (2011) destaca que deve haver um equilíbrio entre a informação de fatos e a descrição dos acontecimentos, apresentando para o torcedor a realidade, mas também a emoção que perpassa por cada modalidade.

Como o esporte é constituído por pessoas, trazer a identidade e a história dos atletas se torna interessante para o público. A proposta é aproximar ídolos da própria torcida que o admira.

Com os atletas negros, não é diferente. Eles são formados por assimilações de sua identidade, negritude e historicidade, produzindo um sentido frente a tudo isso que é representado dentro de campo e em entrevistas. Porém, esses atletas só são destaque quando são excepcionais ou vítimas de racismo.

No início da história do futebol no Brasil, o esporte era reconhecido como uma modalidade praticada apenas por homens brancos que possuíam outro emprego. Não era destacado a presença de atletas negros nos times nos jornais que chegavam aos torcedores, o que culminava no pensamento de que a equipe era inteiramente branca.

Esse fato mudou com a ascensão de jogadores negros. O destaque nas partidas impossibilitava não trazer uma imagem ou ilustração representando o atleta. Foi o caso de Feitiço, homem negro jogador do Santos e considerado o primeiro Imperador do Futebol, em 1928. Naquele ano, os futebolistas brasileiros foram considerados os melhores do mundo (FILHO, 2010) e a imagem de Feitiço com uma coroa na cabeça ilustrou a primeira página dos jornais.

O atleta liderou a vitória da seleção de futebol masculino do Brasil sobre a Inglaterra. Apesar de ter enfrentado o então presidente Washington Luís, a habilidade de Feitiço dificultava uma medida mais dura ou uma punição. Ele viajou com a equipe e voltou da Europa com o *status* de grande atleta brasileiro, o que também o permitia ver sua imagem nos jornais como um grande ídolo, não de forma pejorativa ou como vítima.

Por outro lado, em certo momento, Lázaro Ramos aponta que a proposta de entrevistar Tchê Tchê já era conversada desde janeiro de 2020. Entretanto, ela só foi marcada quando o atleta participou do protesto *#BlackLivesMatter* no Brasil, após a morte de George Floyd e João Pedro. Isso reforça a ideia de que o negro só é pauta no jornalismo esportivo quando há casos de racismo que repercutem, seja com ele mesmo ou casos que o afetem indiretamente.

O jornalismo esportivo é factual, o que delimita que esses atletas sejam ouvidos sobre sua identidade e negritude apenas se forem alvo de episódios de diferença. A entrevista entre Lázaro Ramos e Tchê Tchê leva o nome de “A pauta é racismo”. Mesmo que insuficiente para abordar a temática do preconceito racial, o produto já aponta em seu título que o atleta foi entrevistado para falar sobre isso.

Vale destacar que se o caso de racismo não for amplamente repercutido, também não há espaço para o atleta ser representado na mídia. O fato que levou Tchê Tchê a fazer as tatuagens de Martin Luther King e Malcolm X é um exemplo disso.

A diferença não pode delimitar a identidade e representação dos atletas, já que esta é derivada das duas últimas. O jornalismo esportivo não deve se pautar apenas na abordagem do racismo, já que tratar da identidade e negritude são caminhos para romper com o preconceito racial dentro das produções.

Para isso, é necessário retornar às raízes do jornalismo esportivo. Para Paulo Vinicius Coelho (2011), isso é trazer mais emoção e humanizar as coberturas esportivas enquanto informa a torcida. Já Mariana Corsetti Oselame (2010, p. 63) aponta que este é o “[...] modelo tido como ideal para a prática de um jornalismo esportivo sério e comprometido com a apuração, checagem e divulgação dos fatos relevantes para o interesse público [...]”.

A concepção de que o jornalismo esportivo é entretenimento e utilizado como lazer tira dessa editoria o seu caráter político e social. A delimitação do jornalismo esportivo contrapõe a ideia de que jornalismo é jornalismo, reduzindo todas as características que o compõem enquanto meio para transmitir uma mensagem.

Da mesma forma, não é necessário que haja um grande caso para que esses assuntos sejam abordados no jornalismo esportivo. No caso da entrevista entre Lázaro Ramos e Tchê Tchê, foi necessário que um ator e um jogador de futebol tivessem espaço dentro de um portal esportivo para se propor a abordar o tema racismo.

O ge.com, site em que a produção foi veiculada, pertence ao grupo Globo, que possui um alcance nacional. Tendo isso em vista, questionar se não havia nenhum jornalista apto para conduzir a produção logo é levantado.

Temáticas sociais costumam ser reduzidas a uma opinião, a ponto de afastar os próprios profissionais da prática jornalística com um viés político. Esse reducionismo promove o pensamento de que a abstenção de um jornalista em uma pauta que aborde as minorias é o caminho para inibir o posicionamento dentro das próprias redações.

No texto “A mídia e a construção do cotidiano”, Wellington Pereira (2008) aponta que, ao distanciar a informação de alguns fatos, isola-se as forças que lutam por espaços antes renegados. O autor aponta que a informação midiática nega a historicidade dos sujeitos, reduzindo-os a uma “banalidade cotidiana”. Para o autor:

O cotidiano das camadas periféricas, nos grandes centros urbanos, é sempre o que não deu certo, o fracasso de uma atitude social, ou mesmo a impossível inclusão dos pobres no processo de “modernização” como uma ameaça aos “vencedores” estabelecidos que usufruem da “livre” circulação de bens simbólicos. (PEREIRA, 2008, p. 43).

Trazendo para o jornalismo esportivo, o processo permanece o mesmo. O jornalismo não se compromete apenas a informar sobre assuntos factuais. No caso do jornalismo esportivo, este se limita a abordar os resultados dos jogos e os melhores momentos em cada partida. Quando o assunto é um atleta negro, é abordado um feito extraordinário durante o confronto no qual o time que defende estava envolvido ou um caso de racismo sofrido.

Essa atitude exclui a história. O contexto é um princípio de extrema relevância para o jornalismo. A história e o jornalismo se aproximam devido a fatores que compõem ambos, como o processo de construção e a busca por um relato verídico e real (SANTA CRUZ, 2014). Quando o jornalismo esportivo dá uma importância menor ao contexto de forma geral, se reduz à mera apresentação de resultados.

Ao se colocar como uma editoria em que não há espaço para a contextualização dos próprios fatos, o jornalismo esportivo limita a contextualização do próprio racismo e dos atletas negros. Este processo é evidenciado pela entrevista entre Tchê Tchê e Lázaro Ramos, que não traz a história dos futebolistas negros do Brasil para que haja um panorama dos acontecimentos atuais. Não há citação de outros atletas ou casos de racismo, impossibilitando um comparativo diante da historicidade do negro no futebol.

Constantemente, o negro atravessa um processo de duplo preconceito: o racismo social e no campo da comunicação. A representação estereotipada, o pouco destaque à identidade e à negritude dos atletas faz do jornalismo esportivo um espaço de enfrentamento.

O esporte é constituído por pessoas, e resumir a história dos atletas aos seus feitos durante uma partida ou ao preconceito ignora a construção da identidade dos sujeitos. Da mesma forma, reduzir o jornalismo esportivo a mero entretenimento, excluindo seu caráter político e social, afasta a editoria do que o próprio jornalismo se propõe.

4. O FUTEBOL EMBRANQUECE O NEGRO

Neste capítulo, será analisada a entrevista de Sílvio de Almeida com Roger Machado (O FUTEBOL, 2020). Publicada em 12 de dezembro de 2020 no canal do YouTube Silvio de Almeida, o vídeo de cerca de 32 minutos tem como título “O Futebol Embranquece o Negro”.

A entrevista compõe uma série feita por Silvio de Almeida em seu canal, denominada “Entrelinhas”. Em sua primeira temporada, as entrevistas são propostas visando temas que envolvem o Brasil, como cultura, discussões políticas e a construção da brasilidade, entre outros temas relacionados. A conversa com Roger Machado é o quinto vídeo da série.

O produto se propõe a abordar como as características da negritude e a identidade do atleta negro são questionadas durante a ascensão social por meio do futebol. Logo na introdução do vídeo, há recortes que apontam para o tema que será discutido.

Roger Machado Marques é um ex-jogador de futebol que atualmente é treinador. Nascido em 25 de abril de 1975 em um bairro periférico de Porto Alegre - RS, atuou durante toda a década de 1990 até 2009, sendo considerado um dos melhores laterais-esquerdos do futebol brasileiro naquele período.

Os dois anos que separam o encerramento de sua carreira enquanto atleta e seu primeiro cargo de técnico, ainda como auxiliar no Grêmio em 2011, foram destinados ao estudo e aprimoramento profissional. Apontado como um dos treinadores mais promissores do futebol brasileiro, Roger é conhecido pelo bom relacionamento com os jogadores e por ser um estudioso na parte tática.

Engajado também no aprofundamento em temas que envolvem a negritude, Roger foi o único treinador negro da série A do campeonato Brasileiro até 2019, quando era técnico do Bahia e Marcão treinava o Fluminense. O confronto entre as duas equipes foi amplamente noticiado como a primeira vez que dois treinadores negros se enfrentavam na elite do futebol no Brasil. Em 2021, ambos trabalharam juntos no time carioca até a demissão de Roger Machado em 21 de agosto. Na data da entrevista, Roger Machado treinava o Bahia.

O entrevistador é Silvio Luiz de Almeida. Advogado, filósofo e professor universitário, Silvio de Almeida, como é conhecido, nasceu em 17 de agosto de 1976 em São Paulo. O professor é filho de Lourival de Almeida Filho, o Barbosinha, ex-goleiro do Corinthians entre 1967 e 1968.

Mestre em direito e doutor em filosofia, Silvio estuda as relações raciais no Brasil e tem entre suas principais obras o livro “Racismo Estrutural”. Nele, são apresentados dados

estatísticos e debates sobre como o preconceito racial está nas estruturas social, política e econômica da sociedade brasileira.

Em 2020, Silvio de Almeida iniciou o canal do YouTube que leva seu nome, com o intuito de debater sobre temáticas que envolvem os negros no Brasil. O canal conta com diversos quadros, e um deles é o Entrelinhas, no qual se propõe a entrevistar personalidades negras que se posicionam publicamente contra o racismo.

4.1. Identidade

Nos Estudos Culturais, compreende-se que o conceito de identidade, além de construído historicamente, também é móvel. A identidade do sujeito pós-moderno não é fixa e permanente, mas sim formada e transformada de acordo com os contatos e intervenções da cultura que o rodeiam (HALL, 2006). O processo do sujeito assumir “[...] identidades diferentes em diferentes momentos [...]” (HALL, 2006, p. 13) comprova a mobilidade de uma identidade definida pelo autor como contraditória.

É impossível ter uma vida na qual não haja adaptações e mudanças. Para Stuart Hall (2006), uma identidade unificada e coerente é uma fantasia criada para que a narrativa do sujeito sobre si mesmo seja confortável.

Como a sociedade e a cultura nas quais o indivíduo está inserido são mutáveis, devido aos diferentes lugares adentrados e pessoas que estão no convívio, há mudanças na sua conduta e também nas formas de interpretar a vida. “As sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente” (HALL, 2006, p. 14). É a partir dos confrontos oriundos dessas mudanças que a identidade é construída.

O negro passa por um processo de insistência para uma mudança brusca. Sua identidade é colocada à prova em comparação a uma visão de superioridade. A identidade é uma relação social na qual as definições discursivas e linguísticas estão pautadas em relações de poder (SILVA, 2012), assim, as características e afirmativas de um grupo privilegiado acerca da sua identidade demonstra um poder que tem como base a diferenciação entre negros e brancos.

A entrevista leva o nome de “O futebol embranquece o negro”. Durante todo o produto, as falas sobre a tentativa de embranquecimento dos atletas é recorrente. Apesar de esse assunto tocar mais na negritude dos futebolistas, Roger Machado descreve algo diferente: a insistência para que ele negasse sua identidade negra e parasse de se posicionar.

Por vezes eu percebo algo assim, como [se falassem]: “Cara, vem para o lado de cá! Tu não percebes que aqui é melhor? Para que você está desejando, depois de toda essa simbologia que tu ganhou, com toda essa herança que nós te demos, tu ainda deseja ficar e permanecer deste lado que é mais difícil, que eu sei que é mais difícil?”. (O FUTEBOL, 2020).

Roger é um homem negro de pele clara. Ele destaca que não possui todas as características fenotípicas consideradas traços físicos de pretos pelo IBGE no estudo Características Étnico-raciais da População (IBGE, 2013). Mas, tendo em vista que a construção da identidade se dá por meio de símbolos e também de forma social (WOODWARD, 2012), não possuir todos os traços em sua fisionomia não impediu a construção da sua identidade enquanto negro. O sentido produzido neste processo fez com que o ex-atleta compreendesse quem ele é.

Essa construção precisa ser consciente. A compreensão do processo e da mobilidade permite que haja as adaptações antes citadas sem ferir a concepção do sujeito sobre quem ele é e onde se localiza socialmente. A produção de sentido a partir de um entendimento histórico de si e de seus antepassados gera o entendimento diante do confronto sobre a realidade e a descoberta acerca da diferença. A partir desse reconhecimento, há a produção de sentido sobre a sua identidade. O confronto nascido desse processo, da representação sobre si mesmo e sua existência constitui o que chama se de resistência.

Muitas vezes eu ouvi: ‘Mas tu não é tão negro assim, teu nariz não é largo, teus lábios não são grossos, teu cabelo não é tão enrolado’. Eu percebo que isso, de uma certa forma, em alguns momentos, é o que mais incomoda. Essa minha afirmação, mesmo com todos os benefícios que eu recebi por ter sido aceito, digamos assim, como *status* da branquitude. (O FUTEBOL, 2020).

Como foi esse desenvolvimento ou quem impulsionou Roger na produção de sentido sobre sua própria identidade não são descritos na entrevista, assim como citações sobre o início da sua carreira. Essa atitude dificulta a interpretação sobre em qual momento ele entendeu que era um homem negro.

Quando questionado sobre grandes jogadores, Roger se atenta apenas a atletas com bom desempenho, sem dimensioná-los dentro de uma característica política e sociológica. Ele destaca Pelé como um ídolo, mas dando atenção apenas ao seu desempenho enquanto atleta. Frases como “Naquele período, ele já era um atleta, na acepção da palavra, não era só um jogador de futebol” e “Sem sombra de dúvidas, é o maior jogador de todos os tempos” (O FUTEBOL, 2020) são utilizadas pelo ex-atleta para descrever Pelé, porém, sem citar sua importância enquanto homem negro ou sua história.

Como não há o destaque acerca da identidade dos atletas, o fato de Roger citar Maradona, Cristiano Ronaldo, Messi e Neymar como grandes nomes do futebol se torna coerente. Entretanto, a entrevista é pautada na negritude e identidade de atletas negros, sendo uma oportunidade de apontar jogadores que se posicionaram politicamente sobre si mesmos e sobre a vida dos negros no Brasil dentro e fora de campo.

Roger Machado faz parte da história de atletas que se posicionam acerca da sua identidade dentro e fora de campo. Apesar de apresentar um posicionamento profundo e pautado em estudos sobre os movimentos culturais negros e sobre o próprio racismo, o treinador não traz a historicidade do negro no futebol brasileiro para as suas falas na entrevista, evidenciando o apagamento vivido pelos negros mesmo nos ambientes em que estes se destacam.

Ao perguntar sobre quando o ex-atleta tomou consciência da sua condição de negro, Silvio de Almeida afirma que há um momento em que há um descobrimento sobre sua identidade. Roger não responde o questionamento. Sua explicação se atenta a apontar evidências do racismo no esporte. O ex-atleta destaca que o negro possui uma representatividade numérica dentro de campo, mas como a diferença é uma relação social imposta, as oportunidades após a aposentadoria demonstram o racismo estrutural.

A intenção por trás dessa frase é justamente contextualizar que o futebol, por ser um lugar de direito do negro, digamos assim, foi nos dado um espaço em que poderíamos estar. Porém, ao representar bem, futebolisticamente, o esporte, você adquire um salvo-conduto. [...] A prova para mim que o racismo, assim como no futebol, ele é muito parecido com o que acontece na sociedade, porque como negros habilidosos com a bola nos pés, nós temos uma representatividade talvez proporcional à que nós temos na sociedade como maioria. [...] Porém, quando acaba essa passagem pelo campo, quando brancos e negros ex-jogadores de futebol decidem ascender para outro andar da hierarquia social, começam seus filtros. (O FUTEBOL, 2020)

A identidade e a diferença são desarmônicas, com disputas relacionadas às relações de poder (SILVA, 2012). Assim, por mais que seja habilidoso dentro de campo, permanecer no futebol em outros cargos depois da aposentadoria se torna raro para os atletas negros, já que essas atividades se associam ao estudo e à inteligência.

Tendo isso em vista, Roger Machado afirma que a decisão de se tornar treinador foi uma trajetória calculada e de muito estudo. Isso porque ele compreendeu que, apesar de ter uma oportunidade para ser auxiliar técnico no Grêmio, time que defendeu por muito tempo, a diferença também seria expressa na exigência. “[...] eu já sabia que eu seria muito mais cobrado por isso, que eu teria que alcançar um nível de conhecimento até mesmo superior que meus

demais pares para que eu pudesse igualar a disputa” (O FUTEBOL, 2020). Roger repete a história de Gentil Cardoso, que era reconhecido por seu esforço nos estudos de técnicas na busca para se ver no mesmo patamar de importância dos companheiros de profissão (FILHO, 2010).

Para Silvio de Almeida, “a raça é uma condição política. Obviamente que ela atravessa a sua vida, independentemente de você decidir ou não reivindicar a sua condição. Mas, ao reivindicar a sua condição, tem uma série de efeitos que você sentiu na pele” (O FUTEBOL, 2020). O posicionamento público sobre sua identidade não emancipa o negro da diferença, ao contrário, gera mais impactos na sua vida. A cobrança exacerbada, as dúvidas diante de sua habilidade e a tentativa de aproximar o negro da branquitude diante de sua ascensão social e de seu talento corroboram para um racismo implícito na sociedade e também no esporte.

O ex-atleta destaca que a diferença ultrapassa a habilidade para o futebol. Como uma relação de poder, o negro muitas vezes é desconsiderado na comparação com um jogador branco devido ao racismo estrutural. “[...] a estrutura já está montada. O que acontece hoje é a manutenção desse *status* e desses privilégios que permitem que o negro seja preterido pelo branco, não poucas vezes, com pouco talento” (O FUTEBOL, 2020). Para Roger, isso permite o processo de ascendência dentro do esporte de atletas que, apesar de pouco competentes, são favorecidos apenas por serem brancos.

A produção de sentido que resulta da construção do seu eu enquanto homem negro no esporte perpassa por diversos episódios de diferença. Essas vivências acontecem durante toda a carreira do esportista, assim como no decorrer da vida do negro no Brasil. Seja no momento em que são menosprezados frente a atletas brancos menos capacitados, seja no processo após a aposentadoria, em que cargos mais altos lhes são negados. A elite futebolística permanece branca diante do racismo estrutural.

4.2. Representação

Um dos sistemas de representação rotulado por Stuart Hall (2016, p. 35) consiste em “[...] diferentes maneiras de organizar, agrupar e classificá-los, bem como em formas de estabelecer relações complexas entre eles”. Para o autor, os diferentes sistemas classificatórios permitem que a representação seja pautada na similaridade e na diferença. O sentido produzido depende da relação entre o sujeito que compõe o mundo e o sistema conceitual, uma representação mental.

Kathryn Woodward (2012) afirma que a representação age de forma simbólica para classificar o mundo e as relações que perpassam o sujeito. A identidade também é relacional (WOODWARD, 2012), ou seja, é marcada pela diferença a partir do processo em que se relaciona com as diferentes formas de existência.

Para Roger Machado, essa representação que contrasta com a identidade é vivida no esporte como um reflexo do país e do sistema em que o sujeito está inserido: “Eu penso que o futebol imita, representa e repete o que nossa sociedade é enquanto sociedade. Algumas vezes eu penso que o futebol é como uma caricatura da nossa sociedade” (O FUTEBOL, 2020).

O ex-atleta relata que a forma como o negro é visto e representado no esporte é uma cópia de como é no dia a dia. De acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2019 no portal Educa IBGE (2019), 56,2% da população brasileira se declara como negra, entre pretos e pardos. Para Roger, essa porcentagem é vista dentro de campo. Mas não basta ocupar esse espaço, que ainda é representado mais pautado na diferença do que na identidade.

Para entender isso, é necessário deslocar o foco dos sistemas de representação para as identidades produzidas por cada sistema (WOODWARD, 2012). A representação inclui a produção de sentido, por meio dos quais há a assimilação acerca da identidade do sujeito e da diferença vivenciada. Ser maioria dentro e fora de campo, por si só, não rompe com o racismo.

Esse processo é evidente com a colocação de Silvio de Almeida acerca dos locais dentro do próprio futebol que o negro pode ocupar.

Eu costumo dizer que existem três posições dentro do futebol ou três papéis dentro do futebol que são muito evidentes quando se pensa a questão racial. E quando se pensa a questão racial como a naturalização do lugar do negro e do branco, e do negro nas posições subalternas, que são os lugares de elaboração, de racionalização, de pensamento. É o treinador, depois o goleiro, porque o goleiro ele precisa ter uma coisa que, em geral, a nós negros é negada, que é a confiança. [...] Então você precisa confiar no goleiro, o goleiro vai ter aquela visão que tem o papel de organizar. O terceiro é o capitão do time, que também é impressionante. Existem goleiros negros, treinadores negros, mas isso não é algo que é natural, que é construído a partir de algo que é normal. Um treinador negro vai virar notícia. (O FUTEBOL, 2020).

Como listado pelo filósofo, há negros ocupando as posições de treinador, goleiro e capitães de times. Porém, esses lugares são considerados inapropriados para esses sujeitos em vista do que eles exigem. É necessário pensar, liderar, articular e definir estratégias quando se ocupa esses postos, ações distantes do que o discurso do preconceito espera como atitude de um negro.

Assim como “[...] a produção de significados e a produção das identidades que são posicionadas nos (e pelos) sistemas de representação estão estreitamente vinculadas” (WOODWARD, 2012, p. 18), a maneira como o mundo é interpretado pelo sujeito produz o processo de avaliação sobre o espaço que ocupa e os efeitos que isso gera socialmente. Um desses efeitos descritos por Roger Machado foi a ampla divulgação do jogo entre Fluminense e Bahia em 2019, no qual haveria o primeiro confronto entre treinadores negros da série A do campeonato brasileiro.

De um lado, Roger, treinador do Bahia. De outro, Marcão, técnico do Fluminense. Na ocasião, os treinadores aproveitaram para levantar o debate sobre o racismo no esporte. Apesar de o momento ter sido festejado, Roger destaca que não deveria ser notícia, mas sim uma reflexão acerca da estrutura do futebol.

Como foi o caso comigo e com o Marcão no ano de 2019, há um espanto. Só desse fato gerar notícia eu me pergunto como as pessoas não conseguem pelo menos parar para refletir o porquê desse espanto e de toda essa notícia em torno de um fato que deveria ser natural, à medida que, pelo menos, nós somos a metade no campo. (O FUTEBOL, 2020).

O futebol traz a representação do negro na sociedade para dentro do esporte. O negro ainda precisa observar quais lugares pode ocupar, se posicionar e aparecer, já que o processo cultural que baseia a sociedade exige essa avaliação (WOODWARD, 2012).

Quando se compreende que representar significa definir o que é identidade e o que é diferença (SILVA, 2012), a assimilação sobre si mesmo é essencial no processo de produção de sentido sobre a sua existência e resistência. Da mesma forma, a representação no meio midiático retrata essa produção de sentido sobre sua identidade.

Roger Machado se posiciona ao aproveitar do momento em que era grandemente noticiado, principalmente por ocupar um espaço negado aos negros. Apesar de não conceber o motivo que leva à notícia e à falta de acompanhamento de uma reflexão acerca do negro no futebol brasileiro, o ex-atleta e o próprio Silvio de Almeida compreendem que ocupar uma posição que é “lugar de brancos” questiona a representação construída pelo racismo.

4.3. Negritude

A negritude, enquanto expressão cultural, se configura como uma representação dos povos negros, de suas tradições e de sua identidade. No livro “A Diáspora”, Stuart Hall (2003)

descreve que a cultura popular negra traz à tona diferentes formas de vida e costumes. Isso porque a negritude perpassa por características físicas, sociais e filosóficas que abrangem toda a definição de cultura negra.

Ao avançar no debate acerca das tradições negras, o autor destaca que os corpos negros trabalham como telas de representação. Para isso, Hall tece três comentários sobre a cultura popular negra.

Primeiro, peço que observem como, dentro do repertório negro, o estilo - que os críticos culturais da corrente dominante muitas vezes acreditam ser uma simples casca, uma embalagem, o revestimento de açúcar na pílula - se tornou *em si* a matéria do acontecimento. Segundo, percebam como deslocado de um mundo logocêntrico - onde o domínio direto das modalidades culturais significou o domínio da escrita e, daí, a crítica da escrita (crítica logocêntrica) e a desconstrução da escrita-, o povo da diáspora negra tem, em oposição a tudo isso, encontrado a forma profunda, a estrutura profunda de sua vida cultural na música. Terceiro, pensem em como essas culturas têm usado o corpo como se ele fosse, e muitas vezes foi, o único capital cultural que tínhamos. (HALL, 2003, p. 342).

Silvio de Almeida destaca que há algumas coincidências entre sua história e a de Roger Machado: ambos têm membros na família envolvidos com música e futebol. O pai do advogado foi Barbosinha, goleiro do Corinthians, e seu avô foi fundador da escola de samba Vai-Vai. Já o ex-atleta teve contato com o esporte através da família da sua mãe, enquanto seu pai era músico.

Roger Machado apresenta uma compreensão de que essas intersecções não são coincidências, mas sim formas de expressão da cultura do povo negro e espaços que foram conquistados e ocupados pelos negros. “Na verdade, foi o lugar que o negro conseguiu alcançar ou que foi permitido que tivesse a oportunidade de desenvolver parte da sua criatividade e do seu talento. Nesse lugar, assim como no futebol, é o seu lugar de direito” (O FUTEBOL, 2020).

Esses espaços performáticos abrangem desde a postura do negro até a forma de se organizar enquanto sociedade (HALL, 2003). É neste lugar que há a assimilação acerca das tradições e da transmissão de herança não só dos seus antepassados próximos, mas também da ancestralidade africana.

Como dito anteriormente neste capítulo, quando há a produção de sentido sobre sua própria existência, a compreensão da representação e o reconhecimento da diferença enfrentada, há também a produção de sentido sobre o seu posicionamento como resistência. Além dos ambientes ocupados pelo movimento negro, a negritude está presente onde negros

que produziram sentido acerca da sua identidade estão. Mais que isso, no momento em que esses sujeitos afirmam sua identidade e demonstram sua negritude.

Para Roger Machado, o ambiente institucionalizado não delimita a expressão da negritude. “Os movimentos negros não são apenas os organizados em forma de instituições. Eles estão nas religiões de matriz africana, na escola de samba, estão em diversos outros segmentos e ali demonstram uma resistência do povo negro” (O FUTEBOL, 2020). O ex-atleta destaca que esses locais, característicos da negritude, são também expressões de cultura. Cultura essa que expressa as tradições do povo negro, sua ancestralidade e também as dimensões da sua historicidade.

Essas expressões culturais aparecem no decorrer da história do negro no futebol brasileiro. Em 1928, Telê levou para o América do Rio de Janeiro ações características de praticantes de religiões de matriz africana. Era tão comum que o atleta benzesse o dormitório e fizesse ofertas para que o América vencesse que outros jogadores passaram a acompanhá-lo em suas visitas ao Pai-de-santo.

Quando o jogo era muito importante, Telê não se contentava com o trabalho de sexta-feira, ia a um Pai-de-santo, atrás dele uma porção de jogadores, todos que acreditavam, até diretores, alguns não acreditando. (FILHO, 2003, p. 164).

Telê levou consigo a expressão de sua religião ao entrar no América. Mario Filho (2003) relata que era comum que os “trabalhos” fossem feitos todas as sextas-feiras, dentro do dormitório e também no estádio. A negritude vista por meio da forma em que se comporta em relação à fé é parte da cultura negra que busca a ancestralidade.

É notório que a cultura popular negra se diferencia da cultura popular (HALL, 2003). Esta apresenta particularidades de um povo que é constantemente subjugado. A cultura popular negra expõe uma diversidade tanto em áreas ocupadas quanto em experiências e vivências apresentadas. Para Silvio de Almeida, não importa qual seja o espaço ocupado, a negritude sempre está atrelada à resistência. “A cultura para nós, o que se chama de cultura de modo geral, de arte, de entretenimento, é uma forma de resistência” (O FUTEBOL, 2020).

Essa resistência também se refere na defesa das tradições e dos espaços ocupados. A compreensão da importância de suas conquistas gera relutância. Roger Machado conta que visualiza esse processo no bairro em que nasceu, em Porto Alegre - RS.

Criado e crescido em um bairro que no início do século passado era um território negro urbano e que se transformou em um bairro de classe média

alta. E alguns negros ainda resistem ainda com muita luta naquele bairro, inclusive uma das minhas tias mora lá. (O FUTEBOL, 2020).

Para Roger, o fato de que sua tia continua morando no local em que seus antepassados se instalaram em Porto Alegre demonstra uma resistência. A potencialidade do posicionamento de resistir em suas casas é uma representação da importância de sua cultura. A comunidade negra guarda tradições que perpassam por suas atitudes e também pelos lugares que vivem.

Afastar os negros de seus locais de direito é uma prática vivenciada desde a época da escravidão. Os africanos eram retirados de seus países, de sua família, distanciados de sua religião, de sua cultura e até tinham seus nomes trocados. A identidade cultural não está ligada ao local em que o sujeito reside (HALL, 2003). Essas mudanças eram parte do processo de negação do outro, que pretendia romper com as tradições que uniam os povos africanos ao seu passado e que seriam transmitidas para as gerações futuras.

Para Roger Machado, isso permanece sendo vivenciado atualmente no meio esportivo. A frase “O futebol embranquece o negro”, que dá nome ao produto, foi proferida por ele em uma entrevista.

A intenção por trás dessa frase é justamente contextualizar que o futebol, por ser um lugar de direito do negro, digamos assim, foi nos dado um espaço em que poderíamos estar. Porém, ao representar bem, futebolisticamente, o esporte, você adquire um salvo-conduto. Eu costumo chamar de passaporte do esporte. É um elevador social que o futebol te proporciona entrar. E esse passaporte pode ser revogado a qualquer momento. (O FUTEBOL, 2020). A expressão da negritude é firmada na produção de sentido construída simultaneamente com a identidade do sujeito. A cultura popular considerada boa determina qual cultura negra é certa ou errada (HALL, 2003). Este processo é reproduzido na tentativa de retirar as características culturais dos atletas negros para que estes se aproximem da dita branquitude.

A resistência gerada após a assimilação da diferença é um caminho importante para que os jogadores resistam também ao processo de embranquecimento produzido pelo futebol desde o início de sua prática no Brasil. Isso se dá na ocupação de locais renegados, da expressão de sua cultura através da música, religião e do próprio futebol. Essa afirmativa combate ao racismo enquanto estrutura social.

4.4. Jornalismo Esportivo

Como o jornalismo esportivo se propõe a produzir e divulgar informações relacionadas ao esporte, as pautas desenvolvidas devem focar na relevância de temas que envolvem as modalidades. Entretanto, o processo de reducionismo do jornalismo esportivo levou a editoria a caminhar na contramão deste pensamento. Para Barbeiro e Rangel (2006), a pauta esportiva virou burocrata e limitada por uma agenda.

[...] as notícias resumem-se ao jogo que acontece amanhã, ou o que aconteceu ontem. Durante a semana, o noticiário fica dominado por esses eventos seguidos das entrevistas coletivas dos times de futebol. Não há diferença entre as notícias nos diferentes veículos. (BARBEIRO, RANGEL, 2006, p. 26).

Essa delimitação sobre o que é notícia dentro do jornalismo esportivo restringe também o espaço para pautas mais aprofundadas. Barbeiro e Rangel (2006) apontam que a política e o *business* são assuntos relevantes dentro do esporte e que são pouco explorados pelos jornalistas. Além desses, reportagens com temáticas mais sociais acabam sendo consideradas menos importantes em vista de notícias resultadistas.

Pautas abordando a identidade e negritude dos atletas também são alvo dessa consideração de depreciação diante de outros temas. Isso é comum desde o início do futebol no Brasil. Nos primeiros anos do século XX, era a chamada Imprensa Negra que noticiava a participação e o desempenho dos jogadores negros nesse esporte (ABRAHÃO; SOARES, 2012). A mídia tradicional não se atentava a ir além do preconceito presente na sociedade e relatar a presença do negro no futebol como o de qualquer cidadão.

O futebol era um dos poucos espaços daquela sociedade recém-sáida da escravidão em que o negro encontrava reconhecimento, visibilidade e prestígio. Na mesma direção, as páginas da Imprensa Negra eram um dos poucos espaços onde esse desempenho atlético-esportivo era noticiado, com o intuito de capitalizar a positividade da “raça negra” numa atmosfera cultural totalmente adversa, embebida de preconceitos e estereótipos contra esse grupo étnico/ racial. (ABRAHÃO; SOARES, 2012, p. 64).

Esse espaço ocupado pelos negros no futebol e o preconceito enfrentado para que isso acontecesse era o que ocorria na sociedade pós-escravidão. O racismo impedia a socialização e a contratação dos negros, o que restringia a presença dos recém-libertos a poucos lugares em que estes tinham sua entrada permitida. Para Roger Machado, o esporte permanece com essa característica de reproduzir a sociedade dentro de campo.

[...] por vezes o futebol é, para mim, uma caricatura do que nós somos como sociedade. Inclusive, ele joga uma lupa. Ele amplifica, ele deixa cristalino,

Silvio, muitos dos comportamentos que nós temos fora das paredes do estádio. Como se, envolvidos pela paixão, houvesse uma autorização para que tu manifestasse preconceitos de diversas formas que o futebol preconiza em nome da paixão, como se fosse um *habeas corpus*. (O FUTEBOL, 2020).

O futebol retrata a sociedade como um todo e as relações do negro dentro dela. Esse processo também demonstra o preconceito vivido pelos negros no seu dia a dia, agora dentro de campo. Para Roger, o ambiente do estádio é tido como um local à parte da sociedade, em que a emoção causada pelo esporte é um pretexto para o racismo.

É interessante notar que muitos casos não ocorreriam no dia a dia. O distanciamento do jogador negro, a falta de convívio e a intensidade da partida geram um sentimento de liberdade que resulta em inúmeros casos de preconceito racial por parte de torcedores, atletas e comissões técnicas.

Como o futebol apresenta e amplia os problemas da sociedade e é papel do jornalismo esportivo produzir notícias referentes ao esporte, logo o próprio jornalismo esportivo também deve expor essas problemáticas na sua pauta. Mais do que esperar que casos de racismo ocorram, é função do jornalista compreender o contexto que leva ao preconceito racial dentro dos estádios e apresentá-lo nos programas esportivos.

Entretanto, a editoria se pauta mais em entretenimento do que em notícias relevantes. Oselame (2010, p. 67) aponta que “quando tudo vira piada, já não há mais espaço para a informação. Nesta lógica, matérias consistentes e ‘sérias’ ficam de fora do programa que vai ao ar”.

A associação do jornalismo esportivo com o lazer e diversão resulta em uma preferência a pautas consideradas mais leves. Essa organização dos programas esportivos produz o sentido sobre o papel do esporte, principalmente o futebol, enquanto reflexo da sociedade.

O cotidiano social não é apenas diversão. Há questões políticas, culturais e identitárias que devem estar presentes também nas coberturas esportivas. O esporte vai além do entretenimento, é formado por pessoas e por suas histórias. Roger Machado descreve o futebol como um meio de transformação, e compreender isso é uma forma de assimilar o papel do esporte enquanto lugar de expressão, não só um ambiente de descontração e entretenimento. “A gente entende o futebol como fim ou que aqueles que se manifestam no futebol com seu modo de vida e sua visão de mundo não devam fazer porque o futebol não reservaria esse espaço para esse tipo de manifestação” (O FUTEBOL, 2020).

Para Silvio de Almeida, as manifestações dentro do futebol estão no campo cultural e político. Ao afirmar sua identidade e negritude, o atleta demonstra também a produção de

sentido acerca da resistência. “É um lugar de resistência, um lugar de luta. E como um espaço de luta, de resistência, o futebol é um espaço político. E aqueles que querem negar o caráter político do futebol o fazem também politicamente em torno de uma disputa” (O FUTEBOL, 2020).

Deixar de apresentar as modalidades enquanto lugares de expressão política, social e cultural nos programas jornalísticos voltados para o esporte também é um posicionamento político. A produção de sentido desse processo retira as características do futebol enquanto espaço político e que se relaciona com a identidade nacional e o limita a um local estritamente de diversão. Assim, nega-se mais do que apenas a identidade do povo negro, mas reduz a identidade e cultura brasileira a um mero espetáculo.

O processo de restringir o esporte, principalmente o futebol, a lazer e retirar o seu papel de espaço político distancia entrevistas como esta de programas voltados para o jornalismo esportivo. Os programas esportivos visam informar sobre os resultados dos jogos e propõem pautas mais leves, o que causa uma diminuição da importância da identidade e cultura nas pautas. Temas factuais e rasos são utilizados como entretenimento, enquanto assuntos socialmente relevantes são descartados.

O jornalismo esportivo se propõe a abordar temas relevantes para o público (BARBEIRO, RANGEL, 2006). Para isso, o estudo sobre o contexto e acerca do assunto abordado na entrevista são essenciais. Silvio de Almeida apresenta uma preparação profunda para abordar o tema. Apesar de ter profundidade na temática sobre racismo e identidade, Silvio não demonstra sentimentos de forma exacerbada, já que essa ação distrai o público.

Esse conhecimento leva o filósofo a se distanciar do papel do entrevistador de “ouvir, perguntar, conversar” (MEDINA, 1986, p. 10). É corriqueiro que Silvio interrompa ou tenha falas extensas entre as perguntas para Roger Machado.

O filósofo traz perguntas relevantes e se mantém no assunto durante todo o produto. Em cada texto introdutório ao próximo tema que será abordado, Silvio demonstra o preparo para a entrevista e a criatividade nas suas colocações.

O jornalismo esportivo se distancia cada vez mais do processo de produção criativa e preparação para o desenvolvimento de entrevistas e reportagens. Para Oselame (2010), ao invés de produzir textos criativos e até com uma dose de humor, os jornalistas se limitam a chavões e frases prontas. Não só na produção de notícias, mas também nas perguntas direcionadas aos jogadores em coletivas de imprensa e entrevistas pós-jogo. Assim, “o jornalismo esportivo se

torna cada vez menos ‘pensante’ para virar, unicamente, um repetidor de velhas fórmulas [...]” (OSELAME, 2010, p. 68).

Fórmulas essas que são limitantes não só em temáticas, mas também em formatos. O pensamento de que há apenas um modo de fazer jornalismo esportivo de sucesso retira a oportunidade de buscar temas que gerem reflexão no público para além da modalidade em si. O futebol é uma caracterização da sociedade, então pautas sobre assuntos relevantes, que abordem as questões políticas e culturais que envolvem o esporte, têm um efeito extra-campo: produzem sentido acerca do papel e espaço ocupado pelo negro na sociedade. Também é a partir dessas produções que a diferença passa de um caso isolado que precisa ser noticiado para uma análise da motivação dos casos de racismo.

Para que haja esse aprofundamento, é necessário que o jornalismo esportivo valorize a contextualização dos fatos, assim como deve ocorrer nas outras editorias. “A atividade jornalística não existe em forma abstrata, fora do contexto histórico, mas se encontra sempre concretamente condicionada. Jornalistas são homens e mulheres do seu tempo [...]” (SANTA CRUZ, 2014), ou seja, são pessoas que trazem consigo uma história e uma produção de sentido acerca da realidade.

Silvio de Almeida busca trazer a história em suas perguntas para Roger Machado. Em alguns momentos, suas falas ficam extensas e se confundem com um texto opinativo. Porém, a valorização dessa contextualização é evidente durante todo o produto e também na fala final de Silvio, na qual ele destaca o futebol enquanto contexto histórico. “O futebol se apresenta na vida de muitos de nós, na minha vida, não apenas como uma análise daquilo que o Brasil é, daquilo que o Brasil foi, mas daquilo que o Brasil pode ser” (O FUTEBOL, 2020).

O futebol é um campo de luta. A produção de sentido gerada historicamente a partir do ingresso do negro nesse esporte representa seu caráter político e social. Visto isso, o jornalismo esportivo deve, também, assumir essas características em produções. A valorização dos contextos e o aprofundamento temático é imprescindível para que essa editoria se comporte como um meio para a produção de sentido acerca do esporte.

É a partir da compreensão do papel do esporte e do próprio jornalismo esportivo na sociedade que o público pode ver o futebol mais do que um momento de lazer. O jornalismo esportivo tem como posicionamento político apresentar, de forma ética, as reais nuances do esporte.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Qual o significado da produção de sentido, historicamente, na construção da identidade do atleta negro no jornalismo esportivo? Esse é o ponto que norteia a análise da materialidade desta pesquisa. A proposta pautou-se em compreender como cada um desses conceitos é apresentado nas produções, além das menções à historicidade do negro no futebol brasileiro.

Este estudo parte da valorização da história do negro no futebol brasileiro para compreender a construção da identidade dos atletas. Este processo é transpassado por dilemas enfrentados pelos atletas negros durante esta construção.

Como descrito por Silva (2012), a identidade e a diferença são mutuamente determinadas, ao passo que a identidade é derivada da diferença. A diferença consiste no processo pelo qual tanto a identidade quanto a própria diferença são produzidas.

O racismo estrutural da sociedade é um dos fatores determinantes para a compreensão acerca da identidade do negro. O entendimento acerca dos casos de preconceito vividos desde a infância, da diferença de oportunidades dos moradores da periferia para os de outros bairros e a construção do ser negro que Tchê Tchê vivenciou na sua história demonstra como a sua identidade deriva da diferença. Ao identificar o processo de invalidação de sua negritude frente ao seu sucesso, a compreensão sobre sua existência e os ataques sofridos, Roger Machado também assimila o impacto da diferença na construção de sua identidade.

Para Tchê Tchê, a compreensão acerca da diferença foi tão impactante que o atleta considerou seu corpo insuficiente para resistir à diferença. Então, tatuou Martin Luther King e Malcolm X em suas pernas para lembrá-lo de sua capacidade de resistir, de sua autoestima e de sua força para se colocar como voz proeminente da resistência ao racismo dentro e fora de campo. Já Roger Machado lutou contra o embranquecimento que é proposto a ele recorrentemente. No caminho de sua ascendência social, a oferta para abandonar a identidade construída e as características de sua negritude para que pudesse se aproximar da branquitude dominante no esporte sempre esteve presente.

Infelizmente, a história do negro no futebol brasileiro destaca inúmeros casos como estes. De Friedrich a Pelé, de Carlos Alberto a Tchê Tchê, de Leônidas a Roger Machado, é notória “[...] a manutenção desse status e desses privilégios que permitem que o negro seja preterido pelo branco [...]” (O FUTEBOL, 2020), como aponta Roger. O racismo promove o processo em que negros permanecem sendo subjugados e, quando triunfam, têm sua negritude questionada para que seu sucesso seja associado aos brancos.

A negritude é transpassada por padrões sociais que a redefinem a partir de concepções maniqueístas, como bonito e feio e certo e errado. Na entrevista “A pauta é racismo”, Tchê Tchê destaca que, além da padronização de beleza, que define as características fenotípicas brancas como o que é considerado bonito socialmente, há padrões nas profissões. Há um estereótipo pautado na diferença de como um jogador de futebol e como um ator devem ser e se comportar. Em ambas, os profissionais são colocados como meros executores de ações, sem um pensamento crítico acerca da sociedade.

No caso dos atletas, a ideia de que estes não têm a formação necessária para um debate político e social é parte de um ciclo. Como apontado por Oselame (2010), o jornalismo esportivo tem se tornado cada vez mais raso e menos pensante. O objetivo é aumentar a audiência, não informar de forma completa. Assim, quanto mais o jornalismo esportivo se prende ao entretenimento e lazer e se distancia de pautas profundas, a concepção de que os jogadores são alienados socialmente é perpetuada.

Esse processo de limitação a assuntos rasos dificulta que entrevistas com pautas relevantes tenham mais espaço nos programas esportivos. Tchê Tchê apresenta uma grande concepção sobre sua identidade e negritude durante a entrevista. Frases como “[...] eu sei o que é ser negro. Eu sei a dificuldade que é” (A PAUTA, 2020) são enunciadas pelo atleta durante todo o produto. Isso também é apontado por Lázaro Ramos:

Você tem muita consciência, a sua fala é muito elaborada. A gente sabe que nem todos os jogadores de futebol, assim como nem todos os atores, têm essa possibilidade, essa coragem, esse conhecimento para falar sobre esses assuntos. (A PAUTA, 2020).

É interessante pensar que Tchê Tchê não é o único. Há diversos outros atletas brasileiros que apresentam um conhecimento acerca de sua identidade e negritude, como Luan (São Paulo), Richarlison (Everton) e Gerson (Olympique de Marseille), que se posicionam frequentemente em suas redes sociais sobre sua negritude e valorizam o local onde nasceram e cresceram. Porém, não há produtos que sigam a lógica da entrevista entre Tchê Tchê e Lázaro Ramos que envolvam esses atletas e outros jogadores negros para falarem sobre a construção de sua identidade.

As perguntas direcionadas a esses jogadores normalmente buscam comentários sobre a derrota ou vitória após uma partida, sobre o trabalho do técnico ou a situação do time no campeonato. Isso demonstra como o próprio jornalista esportivo se coloca em um lugar sem

aprofundamento ou contexto, limitando-se às mesmas perguntas, não importa qual seja o jogador ou a equipe. A negritude só é pauta quando um deles é alvo de racismo.

Abordar o tema identidade do atleta negro e sua negritude necessita de um rompimento com a diferença. A representação precisa ressaltar sua identidade e negritude acima de um ser humano que é vítima de racismo. As pautas envolvendo negros devem ir além da superação e de casos de preconceito, debatendo sobre o posicionamento e as ações extra-campo que são parte da construção da identidade.

Tratar sobre a realidade dos atletas dentro e fora de campo é uma afirmativa sobre sua identidade e negritude. Reconhecer sua história e a relevância da historicidade dos seus antepassados no esporte e na sociedade auxilia na construção da identidade do jogador negro e na assimilação sobre sua cultura.

Para romper o ciclo de limitação das temáticas envolvendo atletas negros e de pautas rasas no jornalismo esportivo, um dos caminhos é abordar o contexto da construção da identidade dos atletas tidos como referências na temática acerca da negritude. Tchê Tchê aponta que compreende o privilégio que a visibilidade enquanto jogador de futebol lhe dá. Mais que isso, também afirma que Lázaro Ramos é um exemplo para ele:

Hoje em dia a gente tem o privilégio, com certeza, de poder ser uma voz no nosso país. Ser alguém em quem as pessoas se espelham, e assim como eu falei que você é uma pessoa que é uma referência como um cara negro bem-sucedido, que é um casal de negros bem-sucedidos. É uma coisa que é difícil a gente ver, então você é uma referência para mim e para minha esposa também. (A PAUTA, 2020).

É comum que pessoas que têm maior visibilidade sejam tidas como referências. Conhecer o processo de construção da identidade de cada um deles e como eles compreendem e atuam frente à resistência pode gerar no público um anseio pelo aprofundamento no entendimento sobre si mesmo e sobre sua história.

Conversar sobre esse tema nos programas esportivos valoriza a história do negro no futebol brasileiro. Ressaltar a historicidade dos atletas negros que lutaram por respeito e espaço no campo e na mídia é reconhecer a importância dos antepassados.

Na entrevista “O futebol embranquece o negro”, o destaque para o que é chamado de “cultura popular negra” (HALL, 2016) é uma maneira de dar um maior relevância à historicidade do sujeito e à sua ancestralidade. Para esta análise, o conceito de negritude foi direcionado para a produção de sentido acerca das diversas formas que a cultura popular é expressada. É por meio da música, das roupas, da religião e até do futebol que o povo negro

conta sobre si. Vale ressaltar que esses espaços foram cedidos para que os escravos recém-libertos pudessem ocupar, então eles são comumente citados na ancestralidade dos brasileiros negros. Como exemplo disso, há a intersecção entre a história de Roger Machado e Silvio de Almeida: ambos homens negros, com familiares músicos e jogadores de futebol.

Futebol este que se comporta como um “passaporte social”. Como destacado por Roger Machado, a rápida ascensão social que o esporte permite ao negro é acompanhada de um embranquecimento. A imagem negra não é associada ao sucesso, sendo assim, o atleta recebe inúmeras características de branquitude para que renegue sua identidade e cultura ao passo que é mais aceito socialmente.

Como dito anteriormente, o jogador de futebol tem sua imagem associada a um ser alienado. Roger Machado acredita que isso vai um pouco mais além: o atleta deixa de ser considerado um cidadão, com opiniões políticas e posicionamentos sociais. Quando se trata de esportistas negros, essa colocação marginaliza o sujeito. Jogadores negros que se posicionam diante do preconceito e de injustiças sociais passam a sofrer boicotes do time e dos torcedores. Frases como “futebol não é lugar para política” são proferidas, apagando um histórico de posicionamentos combatidos dentro do esporte.

Esse boicote é sentido até depois da aposentadoria. Silvio de Almeida aponta que o racismo estrutural impacta o esporte até nas posições ocupadas dentro e fora de campo. Goleiros e capitães exigem sentimentos que são negados aos negros: a confiança. Para além dos gramados, o técnico ocupa um lugar de estrategista. Confiança e inteligência são características associadas à branquitude. Por melhores e mais bem preparados que estejam, é difícil que negros ocupem essas posições.

Roger e Marcão foram os únicos treinadores negros na série A do Campeonato Brasileiro por alguns anos. Por mais que esse dado tenha ocupado os noticiários esportivos, a estrutura racista da sociedade impede uma mudança rápida. Um técnico, um goleiro ou um capitão tem destaque, e o racismo espera que negros nunca usufruam disso por sua própria habilidade.

A afirmativa de negros que são beneficiados pela aceitação da branquitude é um incômodo para a sociedade. Decidir reivindicar sua negritude a partir da compreensão de sua existência se torna um ato de resistência. Quando esse processo é vivido no futebol, ele é amplificado pela visibilidade do esporte. Por isso, ele é tão doloroso para a estrutura racista: se o futebol é uma caricatura da sociedade, como Roger Machado classifica, romper com o

racismo dentro dele é uma forma de demonstrar a possibilidade de combater a diferença por meio da identidade e negritude do povo negro.

Em ambas as entrevistas analisadas, o dilema da diferença é destacado no processo de construção da identidade dos atletas. É a partir do entendimento sobre a realidade e a diferença que a produção de sentido sobre sua existência e identidade são construídas.

Apesar de as duas entrevistas debaterem sobre a identidade e negritude do atleta negro, é importante notar que há uma diferença de profundidade entre elas. A entrevista “A pauta é racismo” é insuficiente para debater sobre o preconceito, como se propõe. Há poucas menções conceituais e contextualizações, que são essenciais para que o público possa compreender e até aprofundar mais sobre a temática. Já a entrevista “O futebol embranquece o negro” valoriza a história, o contexto e os conceitos que permeiam a história do negro no Brasil.

Essa distinção se relaciona também com a própria publicação. “A pauta é racismo” foi produzida para o ge.com, site do programa esportivo Globo Esporte, enquanto a “O futebol embranquece o negro” faz parte do quadro “Entrelinhas”, do canal do YouTube de Silvio de Almeida. O contraste demonstra que, mesmo quando abordam temas relevantes para a sociedade, os programas esportivos ainda os apresentam sem tanta profundidade conceitual e contextualização. A pauta é mais profunda, mas continua sendo tratada de forma rasa.

Vale ressaltar que nenhuma delas destaca atletas negros que foram relevantes para a história do futebol brasileiro. A única menção é a Pelé, feita por Roger Machado, mas esta se limita apenas ao desempenho do atleta, não às questões raciais e históricas que o permeiam. O negro tem sua história apagada no Brasil por uma sociedade racista que permanece valorizando os feitos dos homens brancos. Os dois produtos eram oportunidades para ampliar o conhecimento do público acerca da historicidade e relevância do negro no futebol.

Visto isso, a produção de sentido, historicamente, da identidade do negro no jornalismo esportivo é rasa e racista. Como analisado por Abrahão e Soares (2012), no início do futebol no Brasil, foi necessário criar uma Imprensa Negra para que os pardos e pretos fossem representados na mídia por sua habilidade e identidade, não sendo ignorados pelos jornalistas ou apresentados por reportagens com teor racista.

Durante os anos, o jornalismo esportivo permaneceu baseado na branquitude, no distanciamento dos atletas de suas características negras e em pautas rasas para abordar os jogadores negros. Negros continuaram e ainda permanecem sendo assunto para o jornalismo esportivo apenas quando são esportistas excepcionais ou quando são alvo de racismo.

Esses atletas produzem sentido sobre sua identidade por meio de uma compreensão sobre sua própria existência no espaço do esporte e da diferença que são alvo na sociedade. Entretanto, isso não é representado no jornalismo esportivo.

Nesta análise, nota-se que o significado da produção de sentido, historicamente, na construção da identidade do atleta negro no jornalismo esportivo é pautado na diferença representada e no reducionismo da própria editoria. Ao se limitar a pautas que desconsiderem a identidade e negritude dos atletas, o jornalismo esportivo se posiciona na proposta de permanecer como um local de entretenimento e de pautas rasas. Dar destaque à negritude apenas quando os atletas são alvos de racismo ou se aproximam de características da branquitude perpetua a diferença dentro do esporte e do próprio jornalismo.

Desde o início do futebol no Brasil, o negro precisou se esforçar para ocupar um espaço nessa modalidade majoritariamente branca e associada à branquitude. Foi devido à habilidade do time do Vasco de 1923 que se tornou inegável a presença de negros nos times. Entretanto, o destaque para um negro só veio depois do feito histórico de Feitiço, o primeiro imperador do futebol. O jornalismo esportivo permanece nesse processo de subjugar a relevância das pautas até que sua relevância seja inquestionável. Até chegar neste ponto, muitas histórias importantes abordando a construção da identidade do negro foram negadas em vista de pautas mais leves.

Isso é evidente ao notar-se que ambas as entrevistas analisadas neste trabalho não são feitas por jornalistas. Apesar de haver diversos jornalistas negros no Brasil, principalmente vinculados à emissora Globo, da qual o programa Globo Esporte faz parte da grade nacionalmente, estes permanecem cobrindo jogos e apresentando os resultados das partidas. Compreender sua identidade é também entender a relevância de falar sobre ela e insistir na produção de pautas em que o sentido produzido seja de valorização do povo negro no futebol e na sociedade. O esporte é político e social e o jornalismo esportivo também deve ser.

Assim, essas entrevistas correspondem a uma ruptura na abordagem do atleta negro. Em ambas as produções, há a apresentação do confronto entre a identidade e a representação do negro na sociedade. Mais que isso, a diferença não é o enfoque, mas sim os meios pelos quais os entrevistados se posicionam para enfrentá-las.

As entrevistas passam a cobrar um posicionamento social e esportivo dos atletas e dos jornalistas. Atletas negros não são meros executores de ações que respondem perguntas repetidas ao fim de todas as partidas, mas sim cidadãos, seres pensantes capazes de levantar críticas acerca da representação do negro no jornalismo esportivo.

Essa ruptura levanta o questionamento sobre a forma como o jornalismo esportivo se comporta diante das pautas que envolvem a política e a sociedade como um todo. Os produtos demonstram que há uma maneira de trazer essas temáticas para o âmbito esportivo. Porém, a análise não demonstrou nenhum apontamento para o começo da mudança do jornalismo esportivo de um padrão resultadista para pautas sociais. Isso porque os próprios programas não indicam que a cobertura esportiva se propõe a abordar o esporte enquanto espaço político e social.

Apesar das problemáticas das entrevistas envolvendo o jornalismo esportivo apontadas neste trabalho, uma série de entrevistas com os mesmos entrevistados ou abordando a mesma temática não rompe com o padrão jornalístico do esporte. A produção de sentido acerca da identidade do atleta negro que aponta para a sua historicidade, ancestralidade, tradições e sua negritude é o objetivo de produtos que vão além dos resultados de competições. O rompimento acontece no momento em que a abordagem envolve a identidade do atleta e sua historicidade, perpassando por tudo o que vivenciou no processo de construção.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. A imprensa negra e o futebol em São Paulo no início do século XX. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 26, n. 1, p. 63-76, 2012.

A PAUTA é racismo: Tchê Tchê, do São Paulo, e Lázaro Ramos se emocionam em encontro. **Globo Esporte**, São Paulo, 12 jun 2020. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/sao-paulo/noticia/noticias-safc-tche-tche-lazaro-ramos-racismo-encontro-debate-video.ghtml>. Acesso em: 06 de setembro de 2021.

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

CARDOSO, Marcelo. Jornalista especializado em esportes: Uma discussão sobre a formação contínua do profissional. **Revista Alterjor**, v. 17, n. 1, p. 39-54, 2018.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez Lições sobre Estudos Culturais**. 2. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2011.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina Damboriarena. **Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FELIPPI, Ângela; ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Jornalismo e estudos culturais: a contribuição de Jesús Martín-Barbero. **RuMoRes**, v. 7, n. 14, p. 8-27, 2013.

FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

GERHARDT, Tatiana Engel; SOUZA, Aline Correa de. Unidade I: aspectos teóricos e conceituais. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, p. 11-29.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

HALL Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC, 2016.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. 2003.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Características étnico-raciais da população: classificações e identidades**. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.

Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv49891.pdf>. Acesso em: 6 de setembro de 2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**. Estatísticas de Gênero. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/index.html?loc=0&cat=-15,52,-16,55,-17,-18,128&ind=4704>. Acesso em: 23 de agosto de 2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101707_informativo.pdf. Acesso em: 12 de setembro de 2021.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1986, 96 p.

O FUTEBOL embranquece o negro – Roger Machado | Entrelinhas. [S.l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (33 min). Publicado pelo canal Silvio Almeida. Disponível em: <https://youtu.be/NL7ygs6yHsU> . Acesso em: 13 de setembro de 2021.

OSELAME, Mariana Corsetti. **Padrão globo de jornalismo esportivo**. Famecos, v. 15, n. 24, p. 63-71, 2010.

PELÉ. Direção: David Tryhorn, Ben Nicholas. Produção: Kevin Macdonald. Los Gatos: Netflix, 2021.

PEREIRA, Wellington. A mídia e a construção do cotidiano (uma epistemologia do social midiático). In: CHRISTOFOLETTI, Rogério; MOTTA, Luiz Gonzaga (orgs.). **Observatórios de mídia: olhares da cidadania**. São Paulo: Paulus, 2008

SANTA CRUZ, Lúcia. O repórter como historiador do tempo presente: notas sobre a relação entre jornalismo e memória social. In: Encontro Regional Sudeste de História da Mídia, 3, 2014, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012, p. 73-102.

SILVEIRA, Nathália. **Jornalismo Esportivo: conceitos e práticas**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/22683/000740013.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2021.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012, p. 7-72.